



**Educação e Cidadania**

# O negócio é fazer negócios



Guido Heleno

Ilustrações  
Leonardo de Andrade

**Embrapa**

**PÚBLICO  
INFANTIL**



Série Educação e Cidadania

# O negócio é fazer negócios



**República Federativa do Brasil**

*Luiz Inácio Lula da Silva*

Presidente

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

*Roberto Rodrigues*

Ministro

**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**

**Conselho de Administração**

*José Amauri Dimázio*  
Presidente

*Clayton Campanhola*  
Vice-Presidente

*Alexandre Kalil Pires*  
*Hélio Tollini*

*Ernesto Paterniani*

*Luis Fernando Rigato Vasconcellos*  
Membros

**Diretoria-Executiva da Embrapa**

*Clayton Campanhola*  
Diretor-Presidente

*Gustavo Kauark Chianca*  
*Herbert Cavalcante de Lima*  
*Mariza Marilena T. Luz Barbosa*  
Diretores-Executivos

**Embrapa Informação Tecnológica**

*Fernando do Amaral Pereira*  
Gerente-Geral

**Prefeitura Municipal de Patos de Minas**

*José Humberto Soares*

Prefeito

**Secretaria Municipal de Educação,  
Cultura, Esporte e Lazer**

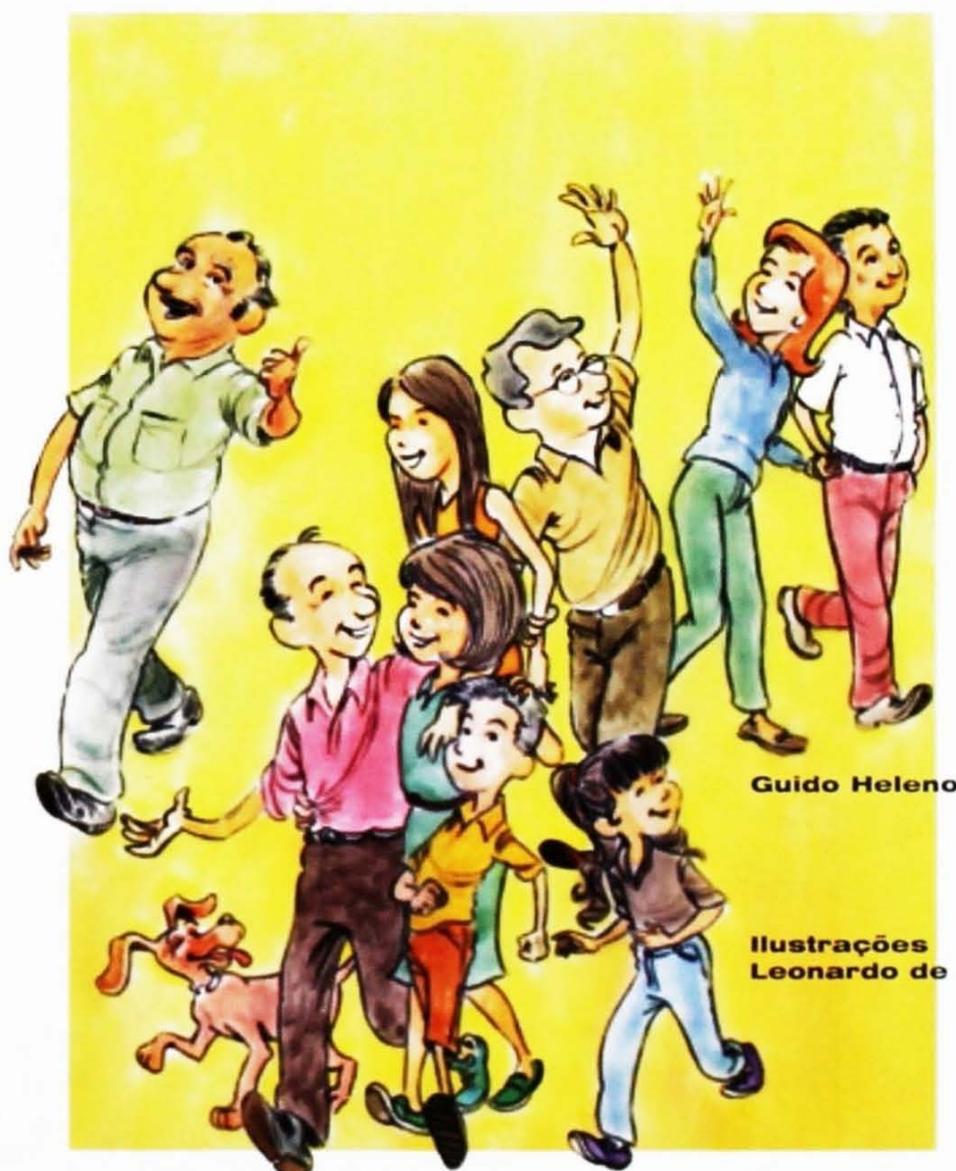
*Elisa Guedes Duarte*  
Secretária

*Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento  
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária*

*Prefeitura Municipal de Patos de Minas  
Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer*

**Série Educação e Cidadania**

# **O negócio é fazer negócios**



**Guido Heleno**

**Ilustrações  
Leonardo de Andrade**

**Embrapa Informação Tecnológica**

*Brasília, DF*

*2004*

Exemplares desta publicação podem ser solicitados na:

**Embrapa Informação Tecnológica**

Parque Estação Biológica - PqEB - Av. W 3 Norte (final)  
Caixa Postal: 040315  
CEP 70770-901 - Brasília - DF  
Fone: (61) 448-4236  
Fax: (61) 340-2753  
vendas@sct.embrapa.br  
www.sct.embrapa.br

**Coordenação editorial**

Edson Junqueira Leite  
Lucilene Maria de Andrade

**Edição e coordenação pedagógica**

Elisa Guedes Duarte

**Co-autoria e orientação técnico-pedagógica**

Gisele Damasceno  
Marluci Castro  
Vicente Guedes

**Revisão de texto**

Corina Barra Soares

**Projeto gráfico da série e capa**

Carlos Eduardo Felice Barbeiro

**1ª edição**

1ª impressão (2004): 1.500 exemplares

**Prefeitura Municipal de Patos de Minas**

Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer  
Rua Tenente Bino, 32, sala 11  
CEP 38700-108 Patos de Minas, MG  
Fone: (34) 3822-9660  
Fax: (34) 3822-9676  
semec@patosdeminas.mg.gov.br

<b>Embrapa</b>	
Unidade:	AI-SEDE
Valor aquisição:	
Data aquisição:	12/03/05
N.º N. Fiscal/Fatura:	
Fornecedor:	
N.º OCS:	
Origem:	UMT
N.º Registro:	033/05

**Todos os direitos reservados**

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação – CIP  
Embrapa Informação Tecnológica.

---

Heleno, Guido.

O negócio é fazer negócios / Guido Heleno ; ilustrações de Leonardo de Andrade. — Brasília, DF : Embrapa Informação Tecnológica, 2004.

54 p. : il. color. — (Série educação e cidadania)

ISBN 85-7383-240-1

1. Pequena empresa. 2. Educação comunitária. 3. Literatura infanto-juvenil. I. Andrade, Leonardo de. II. Título. IV. Série

**CDD 338.04 (21.ed.)**

---

© Embrapa 2004

# Apresentação

Esta publicação é parte de um projeto concebido e executado pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa –, que participou deste empreendimento fornecendo suporte metodológico, contribuindo com sugestões de implantação, gestão e avaliação e provendo de informações técnico-científicas.

A preocupação com o ensino praticado nas escolas do campo, especialmente na busca de novas formas de intervenção e abordagem do contexto rural, além de meios de valorização da família agricultora, deu origem ao *Projeto Educação Familiar Rural – EdufaRural* – construído no espaço rural patense, desde 2002. Tal projeto visa envolver as comunidades com um “fazer educativo” que atenda a seus interesses e necessidades. Deriva do reconhecimento, por parte da Administração Municipal de 2001–2004, da importante função dos agricultores familiares para a economia, a sociedade e a cultura do município. Também decorre da constatação de que a gente do campo é determinante para o processo de desenvolvimento sustentável. Reúne todo um trabalho de estratégias, que incorporaram adequação curricular, aulas em forma de projetos diversos, dias de campo, palestras, pesquisas escolares e demais ações educativas sobre produção agrícola, criação animal, proteção ao meio ambiente e preservação cultural. Tudo isso, é claro, convivendo com os conteúdos curriculares universais.

A Embrapa busca, pela pesquisa e desenvolvimento, novos caminhos, com o objetivo de tornar a vida no campo mais harmônica e produtiva. Coopera, assim, para a promoção da qualidade de vida daqueles que sustentam o Brasil com um trabalho árduo e incessante. À iniciativa de fomentar o desenvolvimento rural sustentável, em cooperação com a municipalidade de Patos de Minas, somaram-se novos propósitos, relacionados à educação escolar. É o reconhecimento de que o componente humano está no centro do processo de desenvolvimento, e que a educação e o trabalho digno são condições de humanização.

Este produto editorial representa, assim, um compromisso interinstitucional, cujos parceiros somam forças na construção de soluções qualificadas para

os complexos desafios do desenvolvimento, tendo como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

O livro possui vida própria, mesmo sendo componente do Projeto EdufaRural. Integra a série Educação e Cidadania, que tem por objetivo a valorização de saberes locais. Essa série é resultado de uma construção coletiva, da qual participaram educadores, escritores, ilustrador e pesquisadores em desenvolvimento rural e meio ambiente. Como trabalho pioneiro não pretende ser completo nem isento de falhas. Sabe-se que, em seu trajeto, o livro será avaliado e redirecionado, como, aliás, acontece com toda obra humana. Os parceiros ficam antecipadamente gratos a quem apresentar sugestões para enriquecê-lo.

O material paradidático, de apoio aos educadores que atuam no Ensino Fundamental do meio rural, virá acompanhado por um caderno de exercícios que, longe de pretender exaurir todas as possibilidades, objetiva oferecer um guia para o trabalho docente.

A meta é o aprimoramento da formação do homem e da mulher do campo, como cidadãos de primeira classe, capazes de viver no meio rural e no urbano, de forma competente para transformar a sociedade e construir a história.

*Clayton Campanhola*  
Diretor-presidente da Embrapa

*José Humberto Soares*  
Prefeito de Patos de Minas

# Aos alunos

## Aluno-personagem

*Este livro traz  
retratos da vida  
das coisas corriqueiras às mais ousadas  
que vão tecendo a história  
que vão contando histórias...  
Deixe-se envolver  
confundir-se  
com essas tantas pessoas  
que nele habitam...  
Tudo é permitido:  
vibrar com suas conquistas  
chorar – mesmo que às escondidas  
por qualquer motivo  
que aflore a emoção  
franzir a testa  
nos momentos de desafios...  
E tocar em frente:  
fazendo  
refazendo  
somando  
atando  
desatando  
partilhando...  
Viaje por esse mundo!  
Desvende  
Vivencie  
Descubra  
Recrie  
Se assim o desejar...*

Marluci Castro



“Vem, vamos embora,  
que esperar não é saber.  
Quem sabe faz a hora,  
não espera acontecer.”

*Geraldo Vandré*



# Um dia repleto de lembranças

Sentada em frente a sua casa, dona Leda bordava uma blusa, sem descuidar dos filhos, Luís e Tininha.

– Cuidado pra não se machucarem!

– Eu sei me cuidar... Mas a Tininha...

A resposta do irmão fez a menina diminuir a força das balançadas. Nada satisfeita, além de fazer uma careta bem feia para Luís, xingou-o, em voz baixa:

– Seu enxerido!

Luís riu da careta feita pela irmã. Gostava muito da Tininha. As raras brigas que tinham eram briguinhas bobas, sem importância. Na verdade, eles eram muito unidos e amigos.

A mãe continuou a bordar. Era uma das mais famosas bordadeiras da região. Sua irmã, Lia, que morava na cidade, sempre trazia encomendas. Já havia bordado até o vestido de noiva da filha de um vereador. Tinha aprendido a bordar ainda menina, antes mesmo de aprender a ler e a escrever. Uma arte ensinada pela avó. Ao pensar na avó Antonieta, os olhos da mulher encheram-se de lágrimas. Quanta saudade!

De repente, suspendeu o trabalho e ficou olhando as crianças brincar. Teria que deixar o bordado de lado por uns dias. Tinha três dias, até domingo, para preparar a festinha de aniversário dos filhos.

Os dois nasceram naquela mesma casa. Primeiro o Luís. Dois anos depois, no mesmo dia, 15 de setembro, nascia a Cristina, a Tininha.

O aniversário dos dois filhos, coincidindo em dia, lhe dava uma vantagem: fazia uma única festa para dois aniversariantes. Seria uma festa simples, como em todos os anos. Mas capricharia nos doces, nas quitandas e no bolo de aniversário.

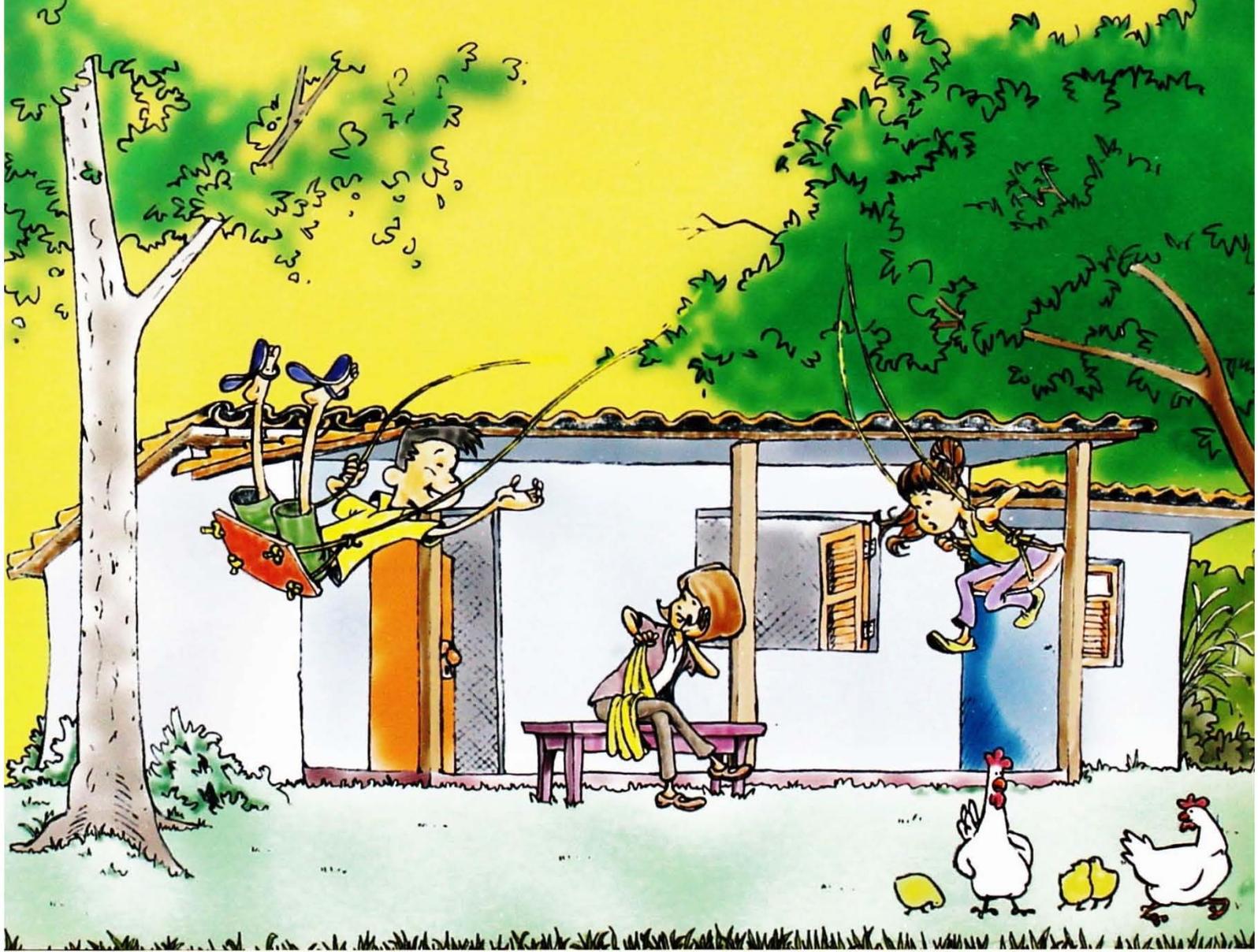
Como o tempo passou rápido! Dona Leda ainda se lembrava do dia em que ela e o marido, Aldo, chegaram àquele sítio e da primeira reação que tiveram.

De início, muito desânimo ao ver o estado da casa e do terreno. O telhado estava quebrado, o madeiramento tomado por cupins e as paredes muito estragadas. Em volta da casa era mato só e, no meio dele, cercas caídas, faltando muitas estacas e lances de arame.

Mas não tinham desistido. Eles haviam comprado aquela propriedade de um tio de Aldo, pagando uma pequena entrada. Depois, por cinco anos, a cada seis meses, pagavam mais uma prestação, até que o sítio ficou quitado. Com escritura e tudo o mais, totalmente deles.

Aos poucos, foram ajeitando as coisas: ampliaram a casa, fizeram o galinheiro e o chiqueiro, reconstruíram as cercas e formaram a horta.

No quintal, era uma fartura, de tudo um pouco: verduras, frutas, ervas para remédio e flores. Ali havia produtos comuns, como couve, chuchu, quiabo, abóbora de duas espécies, cebolinha e salsa. Havia também produtos incomuns na região, como taioba, ora-pro-nobis e maxixe.



O trabalho e a poupança da família possibilitaram o crescimento do patrimônio e investimentos também na criação de animais: patos, galinhas, frangos carijós, porcos e cavalos.

Uma das vantagens dali era o pequeno rio que passava nos fundos do sítio. Tinham abundância de água e até uma pequena nascente que abastecia a caixa d'água com o auxílio de um carneiro hidráulico.

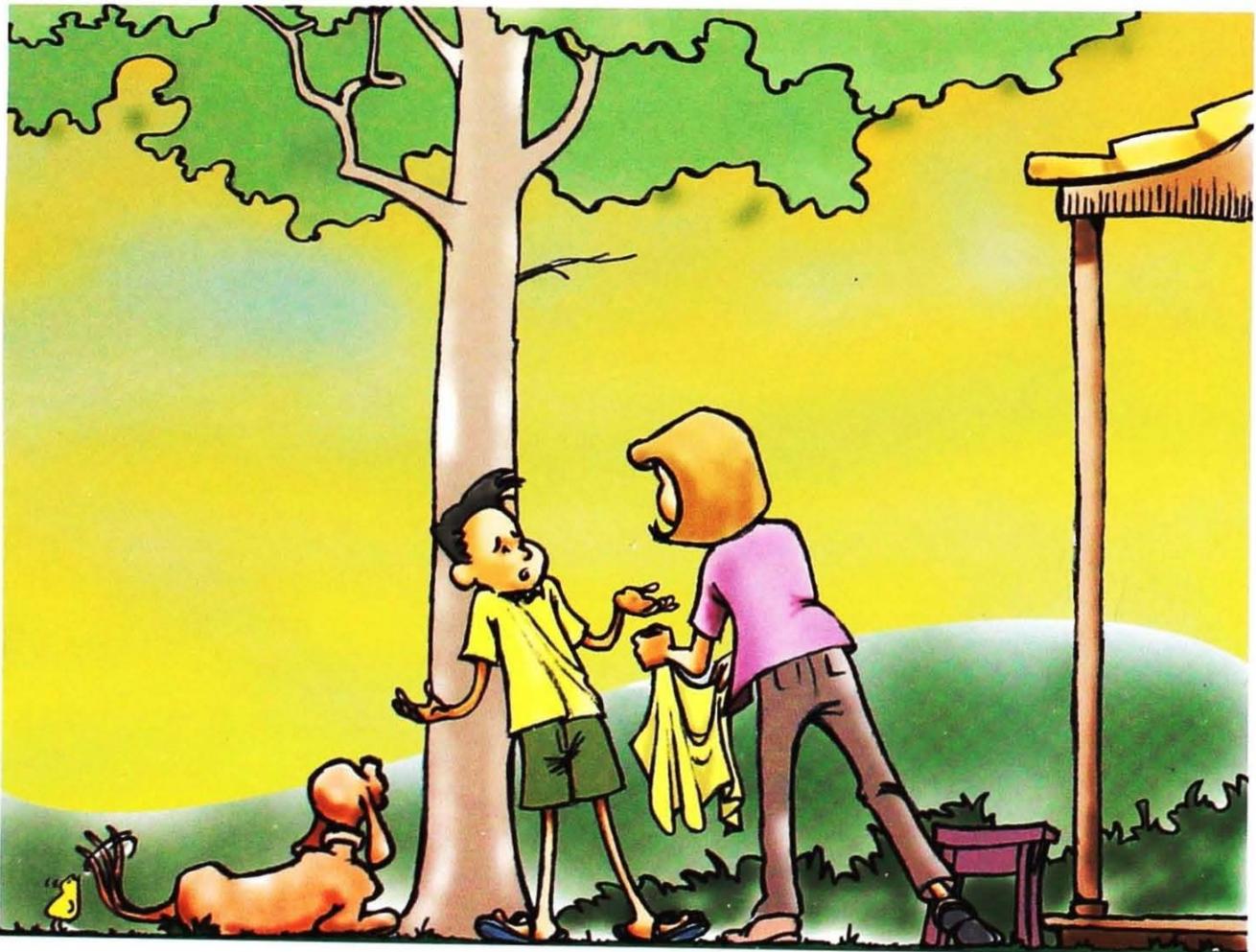
As lembranças de dona Leda foram interrompidas pela voz do filho.

– Mãe, posso tomar banho no rio?

A mãe olhou o céu e reparou que estava anoitecendo. Lembrou Luís de que o pai dele devia estar chegando da cidade. E tentando convencer o filho ao mesmo tempo em que o animava, acrescentou:

– Deixe para o sábado, quando você não vai à escola. Aí seu pai pode acompanhar você e a Tininha no passeio ao rio. Sei que vocês adoram nadar e pescar.

Ah, mãe... Queria ir hoje, protestou Luís, fazendo beijo.



# A misteriosa reunião



Quando Aldo chegou da reunião na cidade, já era noite fechada. Todos haviam jantado e as crianças preparavam-se para dormir. Ao ouvirem o trote do cavalo, Luís e Tininha saltaram da cama e foram para a sala abraçar o pai.

– O senhor trouxe alguma coisa pra mim? – quis saber Tininha, toda animada.

O pai, fazendo mistério, fingiu que não se lembrava. Depois, com os dois filhos pulando a sua volta, abriu uma enorme sacola de compras e de lá retirou um pequeno embrulho. Eram balas, que foram distribuídas igualmente entre Luís e Tininha.

Dona Leda, ao ver os filhos com aqueles confeitos, foi logo avisando:

Não se esqueçam de voltar a escovar os dentes. Não quero ver ninguém com dor de dente depois.

A mulher quis saber se o marido havia comprado tudo aquilo que estava na lista. Era o necessário para preparar a festa. Aldo passou as compras à mulher, pedindo que conferisse.

Depois que os filhos foram dormir, ela arrumou um jeito de puxar assunto:

– E aí, como foi a reunião?

O marido continuou jantando, em silêncio, como quem procura um jeito de começar a conversa. A mulher, vendo que o companheiro demorava a dizer alguma coisa, perdeu a paciência:

– Que misteriosa reunião foi essa, homem? Algum problema?

– Não. Nenhum problema. Aliás, como acontece em todas as reuniões, primeiro ouvimos tudo, depois falamos dos nossos problemas e discutimos formas para tentar resolver cada um deles. Todo mundo participou. Foi uma ótima reunião.

– Espero que tenha sido mesmo uma reunião produtiva, comentou a mulher.

– Foi muito boa, Leda. Muitos dos nossos vizinhos estavam lá. Tinha até um representante da Prefeitura. Muitos técnicos e professores.

– E de que trataram?

Aldo explicou que havia sido uma reunião para apresentar idéias. Falaram muito em cooperativismo, em criar uma associação...

– O bom é que falamos muito em fortalecer nossa comunidade, favorecendo a agricultura familiar. Acham que podemos melhorar de vida.

– Melhorar de vida?! Aqui neste buraco?! – ironizou dona Leda.

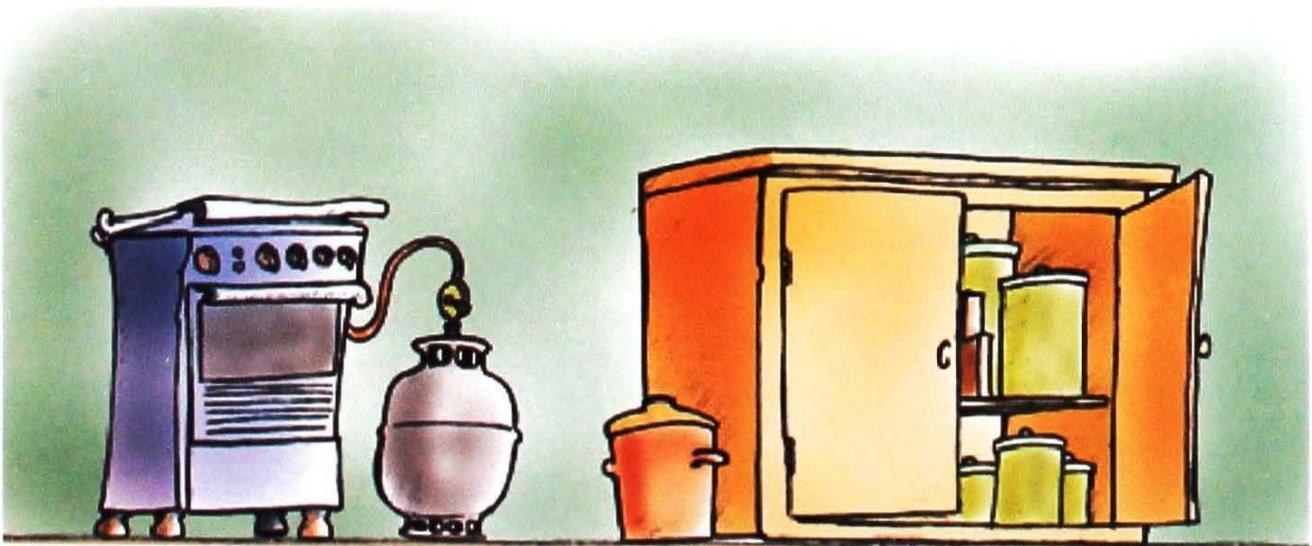
Aldo entendia as palavras duras da mulher. Na verdade, sabia da sua vontade de morar na cidade. Alegava preocupar-se com o futuro dos filhos, queria vê-los com mais estudo e vencendo na vida. Acreditava que, morando na cidade, poderiam viver melhor.

– Tenha um pouco mais de paciência, mulher!

– Você procurou o tal Gonzaga? Minha irmã disse que ele é um fazendeiro rico e que está comprando terras por aqui.

– Não, não procurei. Cheguei quase na hora da reunião. Saí tarde e ainda fui fazer as compras. Mas, na semana que vem...

– Aldo, você é um cabeça-dura mesmo! Sabe que, se morasse na cidade, eu poderia ter mais encomenda de bordado, conseguir uma renda maior.



– E eu? O que eu faria lá? Seria mais um trabalhador desqualificado e mal pago. Isso se conseguisse algum emprego. As notícias que chegam da cidade dão conta de tanta gente sem renda, sofrendo com a carestia!

Dona Leda resmungou qualquer coisa, achando que o marido fazia pouco caso das idéias dela. Voltou a afirmar que ele parecia não ter ânimo para lutar, para buscar o melhor. Aldo não respondeu. Demonstrou estar muito cansado e avisou que ia se deitar.

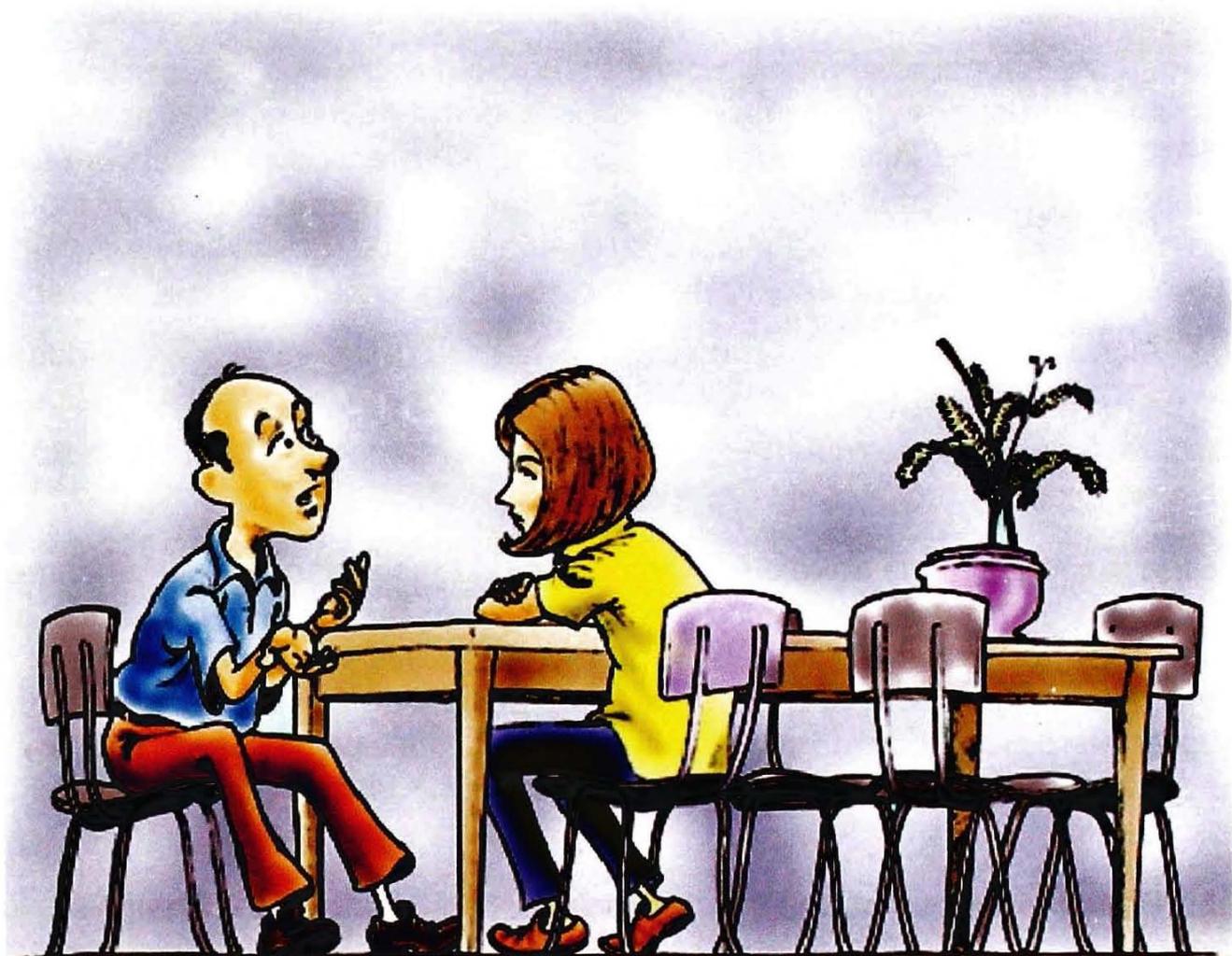
No escuro do quarto, o homem não conseguia dormir. Algumas frases ouvidas na reunião ainda estavam vivas em sua mente.

E encheu-se de dúvidas.

Como transformar seu sítio em um próspero negócio?

Como melhorar de vida ali mesmo, sem precisar ir para a cidade?

Como mostrar para a mulher que nunca perdera o ânimo e que queria o melhor para a família? Como?



# Uma conversa necessária

A professora Telma avisou a Luís que queria falar com ele. E não era só para agradecer o convite para a festinha de aniversário, não. Por isso, pediu que o menino a procurasse na hora do recreio.

– O que é, professora? Fiz alguma coisa de errado?

– Não, não fez. Você é um dos meus melhores alunos. Quero agradecer pelo convite e também dizer que estou preocupada com você, com sua mudança de comportamento, pois nos últimos dias você parece não ter ânimo para brincar com os colegas e está muito calado durante as aulas. Está acontecendo alguma coisa? Algum problema em que eu possa ajudar?

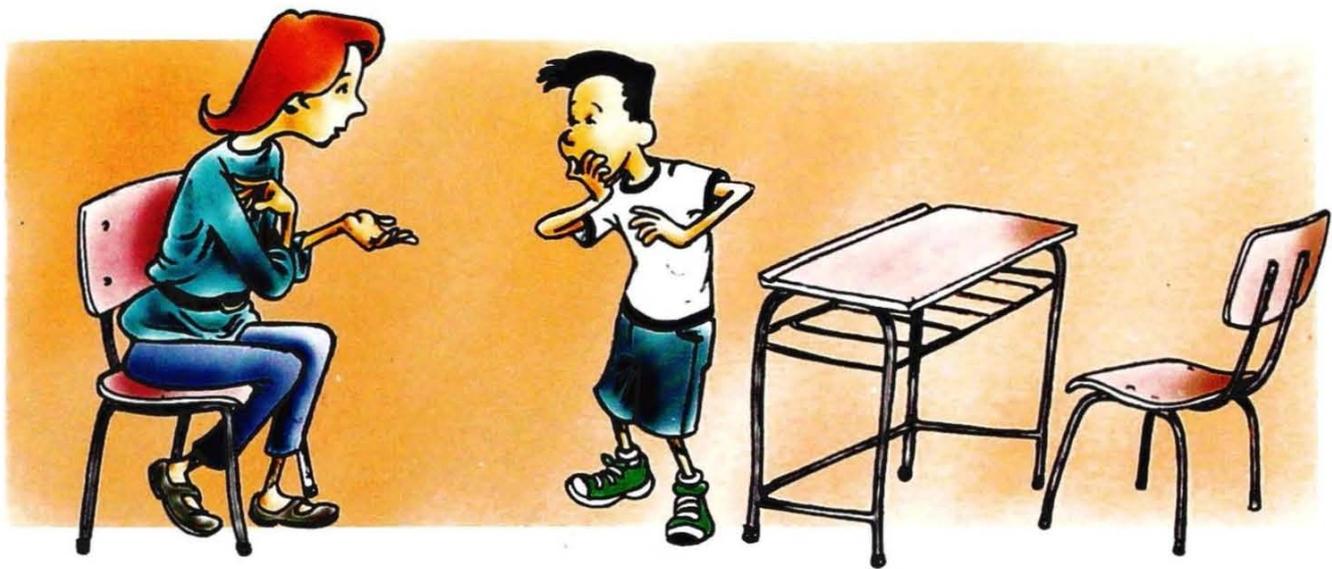
– Não, professora. Não é nada.

Mas, diante da insistência da professora, Luís acabou revelando suas preocupações. Contou que a mãe falava muito em vender o sítio e ir morar na cidade. Mas que ele e Tininha não queriam mudar, gostavam muito dali. Falou que já estavam acostumados com todos e que seu pai só sabia trabalhar na roça.

Telma fez um carinho na cabeça do menino e falou que as coisas não aconteciam assim, de repente. Isso poderia levar tempo, poderia até mesmo não acontecer.

Ela reconhecia que aquele era um desejo de muitos daquela comunidade. Achavam que na cidade, como por um milagre, tudo melhoraria. Eles se esqueciam que ali no campo, bem ou mal, tinham o seu pedaço de terra e uma atividade econômica, da qual obtinham o que comer, vestir e onde morar. Além disso, Luís e Tininha tinham amigos, principalmente os da escola, e a própria dona Leda era muito respeitada como bordadeira e quitandeira de mão cheia.

– Pode deixar, Luís. Vou ter uma conversinha com sua mãe. Somos muito amigas.



– liih! mas aí vai parecer que eu reclamei pra senhora, comentou Luís, ainda preocupado.

– Não se preocupe, sei como lidar com isso. E agora vá brincar. Aproveite o resto do recreio.

Telma, a professora, ficou estudando a reação do menino. E chegou a sorrir levemente quando o viu entre os amigos, em meio às correrias, atrás de uma bola.

Em casa, ela comentou o assunto com o marido. Nelson, que era técnico do Sebrae, disse que ia ver o que podia fazer por aquela família. Depois, sorrindo, comentou:

– Tenho certeza de que havia um tal de Aldo na reunião que fizemos, e ele era um dos mais animados.

– Ah! naquela reunião com a comunidade de Lajeado?

– Sim. Acho que, se eles realmente se unirem, vão conseguir muitas melhorias. Aquela região pode progredir... e muito! É só planejar e fazer a coisa certa.

Nelson conhecia alguns produtores de Lajeado. Sabia de suas dificuldades para tocar a lavoura ou cuidar da criação, contando apenas com a ajuda da própria família.

– Pois é, há solidariedade entre eles. Nos momentos de aperto, uns ajudam os outros, até mesmo fazendo mutirão.

– Alguma coisa me diz, confessou Nelson, que algo de bom vai acontecer para aquele pessoal de Lajeado.

– Tomara! – exclamou Telma, desejosa de que toda aquela comunidade descobrisse, com os próprios meios, como melhorar de vida.

# A festa

Foi uma trabalhadeira! Ainda bem que algumas vizinhas vieram ajudar nos preparativos da festa, principalmente dos doces, salgados e do bolo de cenoura com chocolate. Tudo sob a orientação da dona da casa.

Assim, quando os convidados foram chegando, encontraram tudo pronto, a casa enfeitada e Luís e Tininha com suas melhores roupas.

As crianças, ao verem a poeira levantando-se na estrada, pularam de alegria. Sabiam que era a tia Lia chegando em seu carro azul. Ela, o tio Celso e os primos, Diogo e André.

Aos poucos, foram chegando os colegas da escola, os vizinhos e suas famílias. Quando a professora Telma apareceu, os dois aniversariantes fizeram uma festa especial para ela.

– Olha aqui uma lembrancinha! – disse a professora ao passar os presentes a Tininha e Luís, abraçando-os carinhosamente.

– Oba! Ganhei um livro de historinhas.

– E eu também. Só que o meu é mais bonito! – gritou Tininha.

Todos riram do comentário da menina. Os amiguinhos cercavam os aniversariantes, para ajudar a abrir os presentes, folhear os livros ou iniciar algum jogo com a bola que a tia Lia dera.

Telma apresentou Nelson a todos. Aldo comentou que se lembrava dele na reunião. Logo, os homens formaram uma rodinha e conversavam animados.

Entre uma conversa e outra, todos, adultos e crianças, se fartavam com guloseimas.

– Leda, esses biscoitos são deliciosos. Os doces, nem se fala!



– Você sabe, Lia, que são receitas que aprendi com nossa saudosa avó Antonieta... Por ser a neta mais velha, tive algumas vantagens.

Os elogios foram gerais. Todos queriam anotar a receita de um biscoito, de um docinho... Telma, vendo todo aquele interesse, teve uma idéia:

– Gente, em vez de passar receitas a cada uma de nós, não seria melhor a Leda ensinar a todas, de uma vez só?

– Eu, ensinar? – disse Leda, rindo muito. – Mas a professora aqui é você, Telma.

– Sim, sou uma das professoras da escola de Lajeado. Mas, em matéria de culinária, você é que tem muito a ensinar.

Ali mesmo, acertaram que dona Leda daria um curso de culinária. E não seria de graça. Cada uma das alunas pagaria uma taxa para cobrir os custos. O local das aulas seria o salão comunitário.

Ali perto, Nelson viu-se cercado por pessoas que procuravam informações sobre o Sebrae. Aproveitando o interesse, foi aconselhando cada um deles a se ver não só como um homem da roça, ou simplesmente como o dono de um sítio ou fazenda:

– Vocês têm que encarar as propriedades de vocês como um negócio, uma empresa. E negócios têm que gerar renda, dar lucros, prosperar, não é?

– Quer dizer que sou um empresário rural?! – riu Belarmino, o vizinho mais próximo de Aldo.

Nelson, esquecendo-se de que estava em uma festa e não em uma reunião de trabalho, lembrou que empresário de verdade é quem tem um espírito empreendedor. Diante da expressão de dúvida de todos, viu que teria que explicar, direitinho, o que era ser empreendedor.

Mas não teve tempo: estavam chamando para cantar o Parabéns.

Os aniversariantes não cabiam em si de contentamento. Ao final da música, Tininha apagou a vela com o número 9, e Luís, a com o número 11.

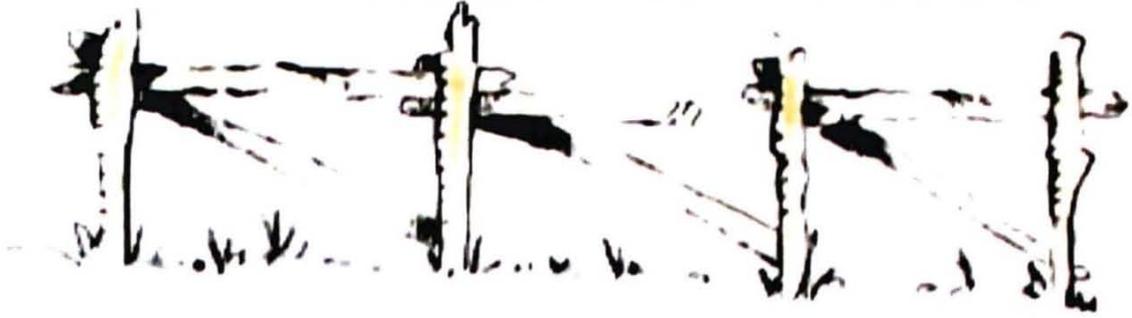
– Viva a Tininha! E viva o Luís!

Após os tradicionais vivas, puxados pelo tio Celso, dona Leda partiu o esperado bolo de chocolate, para a alegria da criançada. E dos adultos também.

Que festa!



# A família se reúne



Quase todos os convidados já tinham partido. Ficaram apenas Lia, Celso e os filhos. Agora estavam em família e havia um assunto inadiável a ser tratado.

Luís e Tininha brincavam com os primos sob a mangueira; então era uma ótima oportunidade para dar início à conversa, pensou Lia.

– Leda, você está mesmo certa de que quer ir morar na cidade?

– Lia, por mim já estaria morando lá há muito tempo.

Celso, com um copo de café na mão, continuava em pé, perto da mesa. Disse que não queria se meter em problemas da família, mas a decisão de mudar para a cidade deveria ser bem pensada, bem discutida. E concluiu:

– É preciso pesar bem os “prós” e os “contras”.

Aldo limitou-se a balançar a cabeça, como que concordando com Celso.

– A propósito, tenho que avisar uma coisa: aquele fazendeiro, conhecido por Gonzaga, parece que anda viajando. Ninguém tem visto ele lá na cidade. Dizem que tem um exagero de dívidas na praça, alertou Lia.

– Pode ser um aventureiro.

Diante da observação de Aldo, dona Leda olhou para ele com expressão de quem não havia gostado do comentário. Lembrou que não iam vender a propriedade sem estar tudo certo. Além disso, só venderiam à vista.

Então, Aldo resolveu mostrar que tinha opinião própria. Achava que deveriam esperar um pouco. Ao menos até o ano terminar. As crianças estavam na escola, gostavam dali. Mais entusiasmado, completou:

– E depois, estão aparecendo umas novidades... Estamos pensando, todos nós aqui de Lajeado, em criar uma associação e organizar nossa produção. É possível que as coisas melhorem...

– Nada melhora de uma hora para outra – rebateu dona Leda.

– Pelo que entendi, o Aldo tem razão. Esta comunidade não fica distante da cidade. Estas terras logo se valorizarão. E depois, com organização e planejamento, união do pessoal e suas ações, isto aqui pode melhorar muito.

O comentário de Celso pôs um brilho nos olhos de Aldo. Lia parecia ainda ter dúvidas. Queria tanto ter a irmã morando perto dela! Por outro lado, sabia dos problemas que eles poderiam enfrentar na cidade.

Lia, desta vez, resolveu encerrar aquela conversa colocando panos quentes:

– Gente, o mundo não foi feito do dia para a noite. Tudo tem seu tempo e lugar. Eu e o Celso vamos conversar com um pessoal amigo lá na cidade. Mas acho bom analisarem bem essas novas possibilidades que estão surgindo por aqui, pois emprego na cidade não está fácil, não. Principalmente pra quem não tem qualificação para o serviço urbano. Além do mais, o salário é baixo e não dá pra pagar supermercado, feira, açougue, ônibus para as crianças irem pra escola. Não podemos correr o risco de tornar a vida ainda mais difícil.



De repente, o choro de uma criança. Todos correram para ver o que era. Lá estava Tininha, em prantos. O primo André havia acertado, sem querer, uma bolada no ombro da menina. Na verdade, não havia sido nada grave. Tanto é que Tininha logo misturava o choro com alguns risinhos.

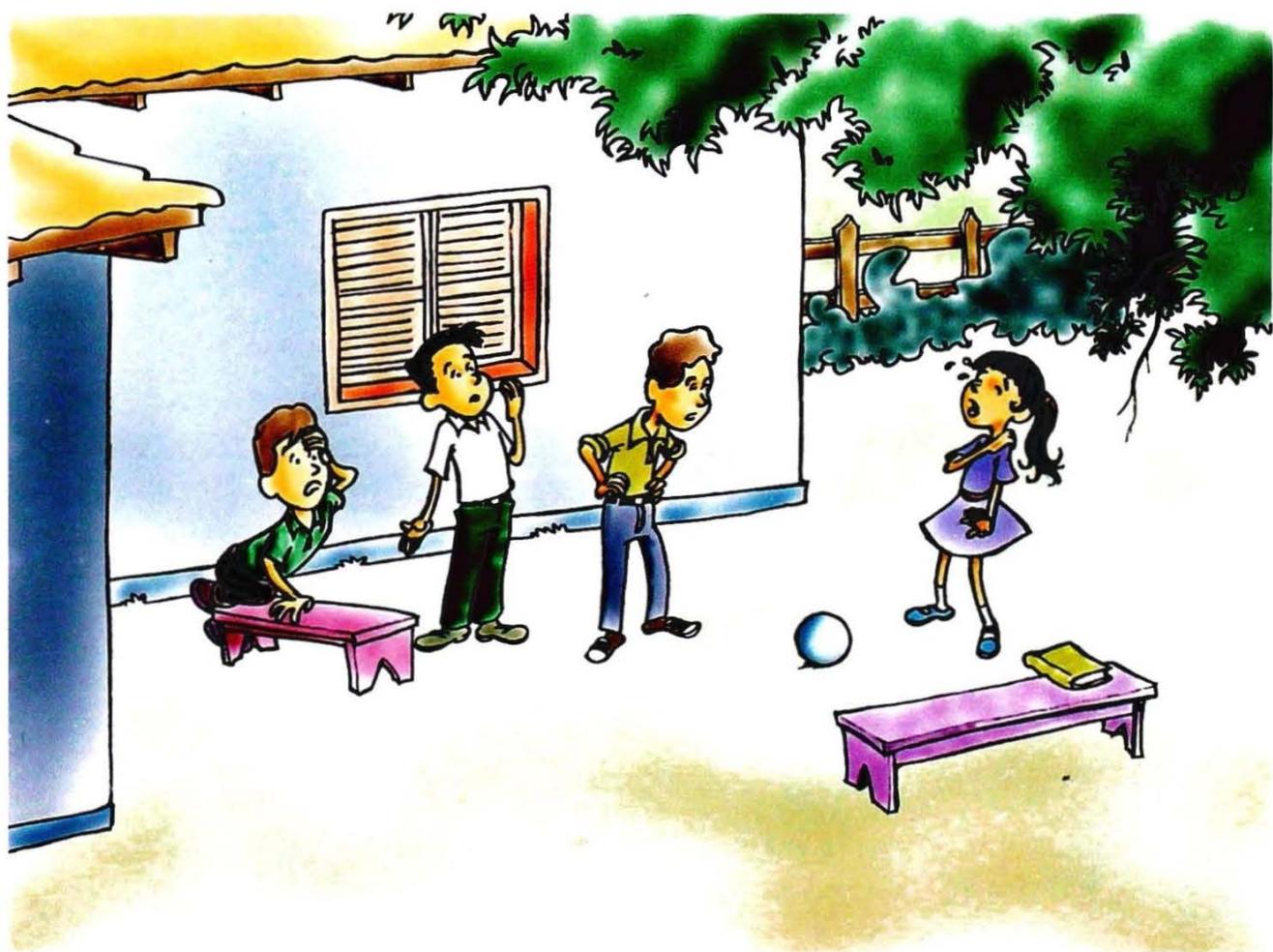
– Pé na estrada, cambada!

O aviso de Celso serviu para André e Diogo entrarem no carro. Após Lia pegar uma vasilha repleta de doces, biscoitos e um bom pedaço de bolo, vieram as despedidas.

Chegava a noite de um dia que fora especial. Tininha e Luís não escondiam o cansaço. Juntaram os brinquedos novos perto de cada cama. De repente, de roupa e tudo, estavam dormindo.

Aldo abraçou a mulher, beijou-a na testa carinhosamente e comentou o sucesso que tinha sido a festa.

A mulher retribuiu com um largo sorriso. Apesar das divergências, gostava muito do marido.



# Lajeado se anima



Quando Aldo anunciou que iria a uma nova reunião sobre o desenvolvimento da comunidade, dona Leda nada comentou. Apenas desejou-lhe boa sorte.

Tininha e Luís estavam na escola e dona Leda aproveitou o tempo para fazer uma importante lista sobre o que ensinaria nas aulas de culinária, que começariam no próximo sábado.

Antes mesmo de chegar à fazenda do Galego, local da reunião, Aldo encontrou alguns amigos. Na hora marcada, havia um bom número de participantes. Estavam ali umas trinta pessoas, contando com o pessoal da Prefeitura, do Sebrae, do Banco do Brasil e os técnicos da extensão rural e da pesquisa agropecuária.

Galego era muito respeitado. Chegara em Lajeado havia uns cinco anos. Na partilha dos bens do falecido tio Onofre, ele ficara com aquela pequena fazenda. Tendo feito o curso de Técnicas Agrícolas e sendo muito disposto, foi progredindo passo a passo, solidamente.

Rapaz novo, solteiro, todos juravam que ele não ficaria nem seis meses naquela fazenda, que logo venderia a propriedade e voltaria para a cidade. Todos tinham errado. Um ano depois de chegar ali, tinha se casado com Ritinha.

Muitos diziam que Ritinha, pela força de vontade e pelo tino administrativo, muito contribuía para o sucesso daquela propriedade. Ela estava naquela reunião, assim como dona Eulália, uma viúva que tocava uma granja, contando apenas com a ajuda de dois filhos e das noras.

Galego foi o primeiro a falar na reunião.

– Pessoal, estou muito feliz de ver tantas pessoas aqui. Acho que estamos começando uma nova fase na vida da comunidade de Lajeado. Sinto um cheiro de novos tempos no ar.

– Muito bem! Viva o Galego! Melhor dizendo, viva o seu Alberto! – corrigiu o velho Belarmino.

E vieram os aplausos. Galego disse que não se importava de ser chamado de Galego. Ele tinha mesmo os cabelos bem claros e já havia se acostumado com o apelido. Em seguida, passou a palavra ao representante da Prefeitura, o Lineu.

Esse foi direto ao assunto. A municipalidade estava interessada em ajudar a construir um projeto coletivo que pudesse promover a melhoria das condições de vida das pessoas do campo. Mas eles sabiam que os tempos agora eram outros. E complementou:

– Cabe a cada um, de acordo com seus recursos, vocação e talento, contribuir para que sejam criadas e aproveitadas todas as oportunidades para que o grupo possa promover o bem comum, realizando sonhos e aspirações. E a nós, cabe dar o apoio para que cada família seja a principal responsável pela melhoria de suas condições de vida.

Aquelas palavras foram entendidas como o início de um discurso. E houve uma nova sessão de aplausos. Mas Lineu foi logo avisando que aquela era uma reunião de trabalho. Queria ver como aquelas propriedades poderiam ser mais produtivas e lucrativas.



Todos puderam se manifestar. Levantaram problemas e apresentaram soluções. Muitas idéias foram discutidas. Falaram sobre o tipo de apoio de que precisavam e as providências que a comunidade poderia tomar. Mas o que mais agradou a todos foi a fala de um visitante chamado Romildo.

Ele era membro da diretoria de uma pequena cooperativa e contou, com palavras simples, como ele e os amigos conseguiram melhorar de vida, ganhando mais dinheiro, a partir do trabalho cooperativo .

Nelson, do Sebrae, sugeriu que começassem com uma associação de agricultores. O técnico da extensão rural prometeu dar o apoio necessário para essa futura associação.

– Vamos criar uma associação para quê?



A pergunta de dona Eulália provocou um silêncio imediato. Ela estava certa. Para se associar, para fundar uma cooperativa, tem que se ter uma razão bem forte e objetivos comuns a todos os associados.

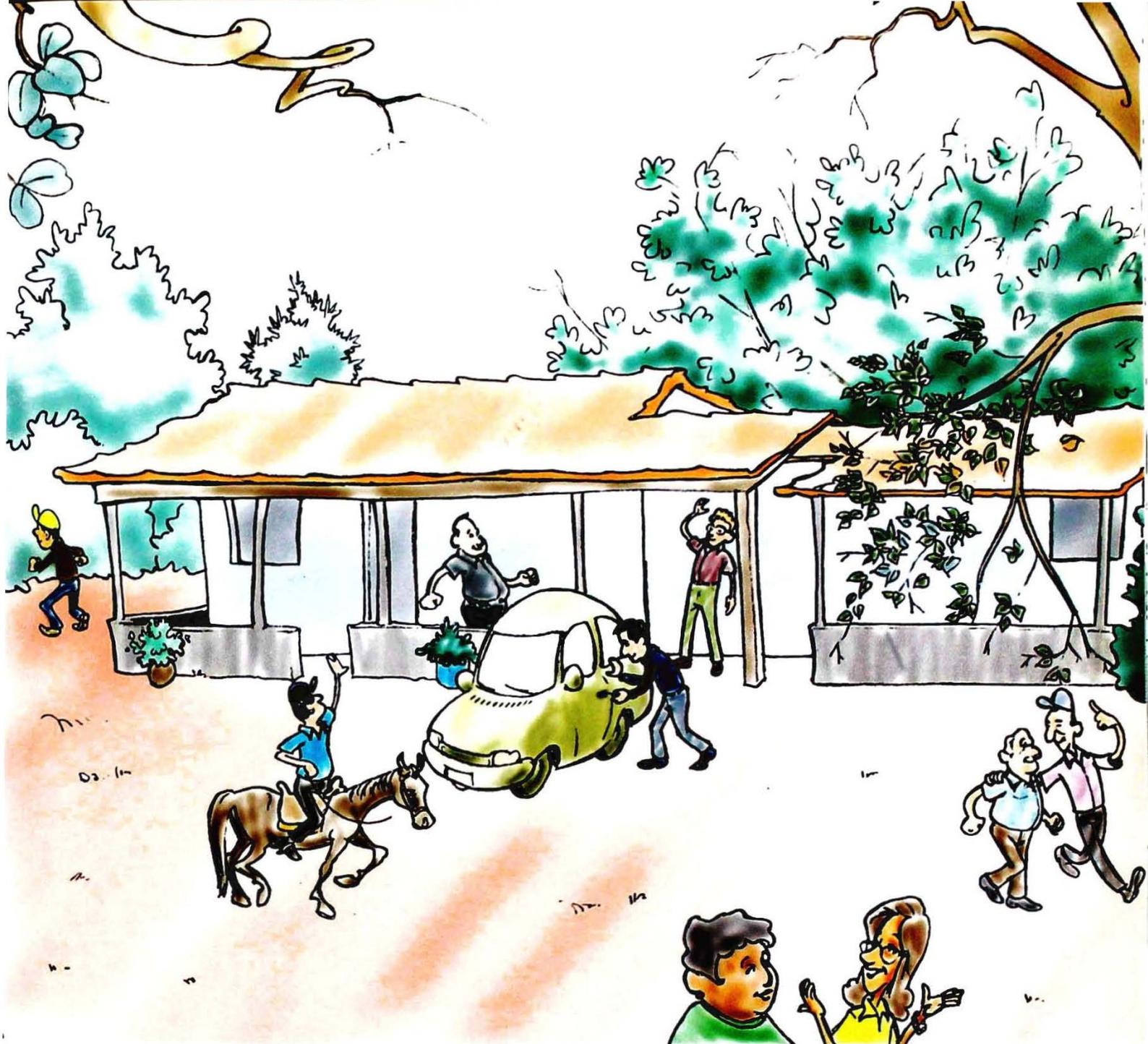
O Geraldo, da Embrapa, que também tinha uma pequena propriedade por ali, explicou:

– A gente vai criar uma associação para promover a união de todos os agricultores de Lajeado. Uma associação demonstra a força de um grupo. Fica mais fácil até de se estabelecer entendimento com o governo e fortalecer a produção. E é uma forma de dar mais valor ao que se produz por aqui, de melhor negociar nossos produtos, e até de conseguir financiamentos com juros mais baixos.

– Juntos seremos mais competitivos, lembrou Ritinha.

A reunião continuou e foram lembradas outras vantagens de uma associação. Primeiro, iam planejar bem o que plantar, criar e transformar. Veriam direitinho o que poderia ser mais lucrativo e o que tivesse mercado.

Nelson aproveitou a “deixa” e explicou que, com a palavra “mercado”, ele se referia a consumidores, a fregueses. De nada adiantaria produzir, por exemplo, caixas e caixas de jiló se não houvesse gente querendo comprar todo esse produto. Falou também que o ideal era produzir para o mercado mais próximo. Pois o propósito de vender os produtos para os moradores daquele município era uma coisa; mas comercializar a produção na capital do estado ou em outras cidades era outra, e bem diferente. Nesse caso, teriam que ver a questão do transporte, do armazenamento, cuidar das embalagens, analisar os custos...



Aldo lembrou que sua maior produção era de hortaliças. E verduras estragam mais facilmente do que, por exemplo, mandioca ou milho. Disse ainda que a contratação de profissionais para assistência técnica ficava mais em conta quando feita por meio de uma cooperativa.

E falaram tanto e foram tantas as idéias que, quando se deram conta, a noite vinha chegando.

Galego, encerrando, avisou que aquele tinha sido o primeiro de muitos encontros. A certeza é de que havia ainda muitos assuntos a serem discutidos.

– Depois das discussões, é preciso tomar decisões – avisou Nelson, já entrando em seu carro.

# Ensinando como a avó

No sábado, dona Leda fez sua estréia como professora de culinária.

Telma era, entre todas as alunas, a mais interessada. E conseguira convencer Dione, a professora de Tininha, a também fazer o curso.

O salão comunitário ficava próximo à escola e tinha a vantagem de possuir um enorme fogão. A imensa mesa ao centro do salão ficou repleta de panelas, pratos, gamelas, pequenas bacias, talheres e ingredientes necessários para as aulas práticas.

Na primeira aula, dona Leda começou a ensinar a fabricação caseira de alguns tipos de biscoitos, doces e bolos.

Diante da mesa, ensinando o segredo da mistura certa, dona Leda emocionou-se. Sentia como se fosse a avó Antonieta, quando ensinava tudo aquilo para ela.

Inspirando-se na saudosa avó, foi se saindo muito bem como professora de culinária. Explicava tudo direitinho, fazendo demonstrações e repetindo o que não havia ficado bem claro.

Todas tinham oportunidade de fazer as misturas e acertar as dosagens dos ingredientes. Cada biscoito ou bolo tinha um segredo. Deliciosos segredos, na verdade.

Muitas mulheres anotavam as instruções em um caderno. Outras guardavam tudo na cabeça.

Telma percebeu que algumas das alunas mal sabiam escrever o nome e se ofereceu para dar aulas de alfabetização às interessadas. A escola era bem localizada, não ficando muito longe das casas da maioria daquelas mulheres.

– Eu quero, se apresentou dona Vanda, demonstrando firmeza, e sei de outras pessoas que, com certeza, também vão se interessar, inclusive meu marido.





Logo, Telma viu que teria uma boa turma de alunos. Uma turma que seria bem maior quando divulgassem sua intenção na comunidade, principalmente se os homens também se inscrevessem.

A professora tinha seus argumentos. Disse que saber ler e escrever é tão importante quanto se vestir, se alimentar. O analfabeto não se sente um verdadeiro cidadão e tem muito menos chances na vida.

– Bem, mas a aula aqui é de culinária e não de alfabetização, não é?

Depois daquele breve discurso, todas retomaram as atividades. A primeira aula de culinária chegou ao fim. Segundo depoimentos das alunas, haviam aprendido muito. Dona Leda sentia-se feliz com aquela avaliação. Percebia que levava mesmo jeito para ensinar.

Assim, durante um mês, todos os sábados, à tarde, lá estava dona Leda ensinando, tirando dúvidas, falando sobre o jeitinho de bater uma massa ou de confeitar um bolo. E as alunas saíam-se muito bem.

A formatura da turma de culinária virou uma festa. Convidaram os familiares e alguns amigos, e todos puderam provar dos mais variados tipos de bolos, biscoitos e doces.

Estava ali um grupo de excelentes quitandeiras e doceiras. Nelson, um dos convidados, não se agüentou e teve que comentar:

– Já pensaram... quantas pessoas gostariam de comprar estas delícias que temos agora?! Gente, vocês podem estar com um bom negócio nas mãos! Pensem nisso!

Telma entusiasmou-se verdadeiramente com a idéia. Pensando bem, se os homens estavam formando uma Associação de Agricultores, por que elas não se uniam também e formavam uma Associação de Confeiteiras, Quitandeiras, Doceiras?!

– Eu prometo fazer um estudo para ver se esse negócio tem chance de dar certo – acrescentou Nelson.

Claro que as mulheres gostaram da idéia. Sentiam-se agora preparadas para fazer aqueles deliciosos biscoitos, bolos, doces e tudo o mais. E se pudessem ganhar dinheiro com aquilo, ótimo! Precisavam tanto...

Quase todas ajudavam os maridos ou parentes na lavoura e no cuidado com as criações. Sempre tiveram talento, coragem e braços para o trabalho. E agora tinham novas habilidades, novos conhecimentos, uma especialização, enfim contavam com uma profissão a mais.



# Um vulto assustador



No mês em que dona Leda dava aulas de culinária, Aldo não ficou parado. Tornou-se grande amigo de Galego e Ritinha e, nos encontros com o casal, aproveitava para aprender sobre o chamado agronegócio.

Visitava outras propriedades, anotando todas as informações em seu caderno. Com isso ficou sabendo de todas as atividades que se desenvolviam naquela região. Aproveitava as visitas para falar das vantagens de criar logo a sonhada associação. Com uma associação legalizada, seria possível conseguir financiamentos, com juros bem menores e prazos maiores para pagamento.

Divulgava também sua idéia de participar da Feira do Produtor, todos os sábados de manhã, lá na cidade. Unidos, alugariam um caminhão e dividiriam os custos. Sairia bem mais em conta para cada um dos participantes e, além disso, lucrariam mais, sem atravessadores.

Na verdade, Aldo estava plantando, em suas conversas, uma mágica semente de ânimo e esperança. E acreditava que teria uma ótima colheita.

Era tanto trabalho que voltava cansado para casa. Naquela sexta-feira, após ter visitado três propriedades, inclusive a granja da dona Eulália, chegou em casa na escuridão da noite.

Estranhou não avistar ninguém à porta, esperando por ele. Não entendia também por que Banzé, o cão da casa, estava inquieto e latindo como nunca.

– O que está havendo, Leda? Algum problema?

– Entra logo, homem!

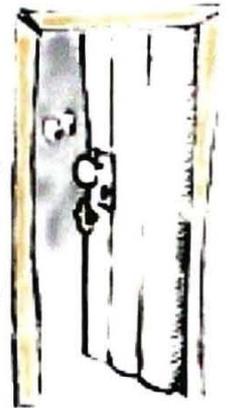
Mal entrou, a mulher trancou a porta, reforçando-a com uma escora de proteção. Quase sem fôlego, contou que estavam muito assustados. Apontou para Tininha e Luís, trêmulos, em um canto da cozinha.

– Pai, eu vi um vulto rondando a casa. Será algum lobisomem ou vampiro?

– Ora, Luís, isso só existe na cabeça dos medrosos – afirmou Aldo, tentando tranquilizar os filhos e a mulher.

– Bem, de todo jeito, vou dar uma espiada em volta da casa. Se o Banzé está latindo tanto, pode ser por causa de algum gambá querendo entrar no galinheiro.

Mal terminou de falar, um estranho ruído foi ouvido lá fora. Aldo, desta vez, começou a se preocupar. Mas ficou firme, demonstrando coragem.



– Fiquem aqui. Vou lá fora ver o que é.

Com uma lanterna em uma mão e um porrete na outra, saiu para o quintal, recomendando antes à mulher que trancasse a porta.

Banzé ora trançava-se nas pernas de Aldo, ora avançava, latindo e farejando alguma coisa.

– Alguém aí?

Depois de feita a pergunta, Aldo riu de si mesmo. Se fosse realmente algum gambá, não poderia esperar resposta nenhuma.

No galinheiro, estava tudo normal. No chiqueiro, os porcos estavam quietos.

Aldo foi então vasculhar o terreno em frente à casa. Seguindo as indicações de Banzé, rumou para o lado do abacateiro. E, de trás do tronco da velha árvore, repentinamente, surgiu um enorme vulto.

– Parado aí ou quebro você a porretadas!

Sob a ameaça de Aldo e acuado por Banzé, o vulto parou onde estava.

– Socorro! Tirem esse cachorro daqui. Sou eu, o Mundico.

Aldo demorou-se um pouco a lembrar. Sim, era ele, seu Mundico, aquele homem que havia vendido um pequeno sítio quando ficara viúvo, e então tinha se mudado para a cidade.

– Homem, que susto você nos deu! Mas o que faz aí, perdido no meio da noite?

– Iih, esta é uma longa história... Uma triste história...

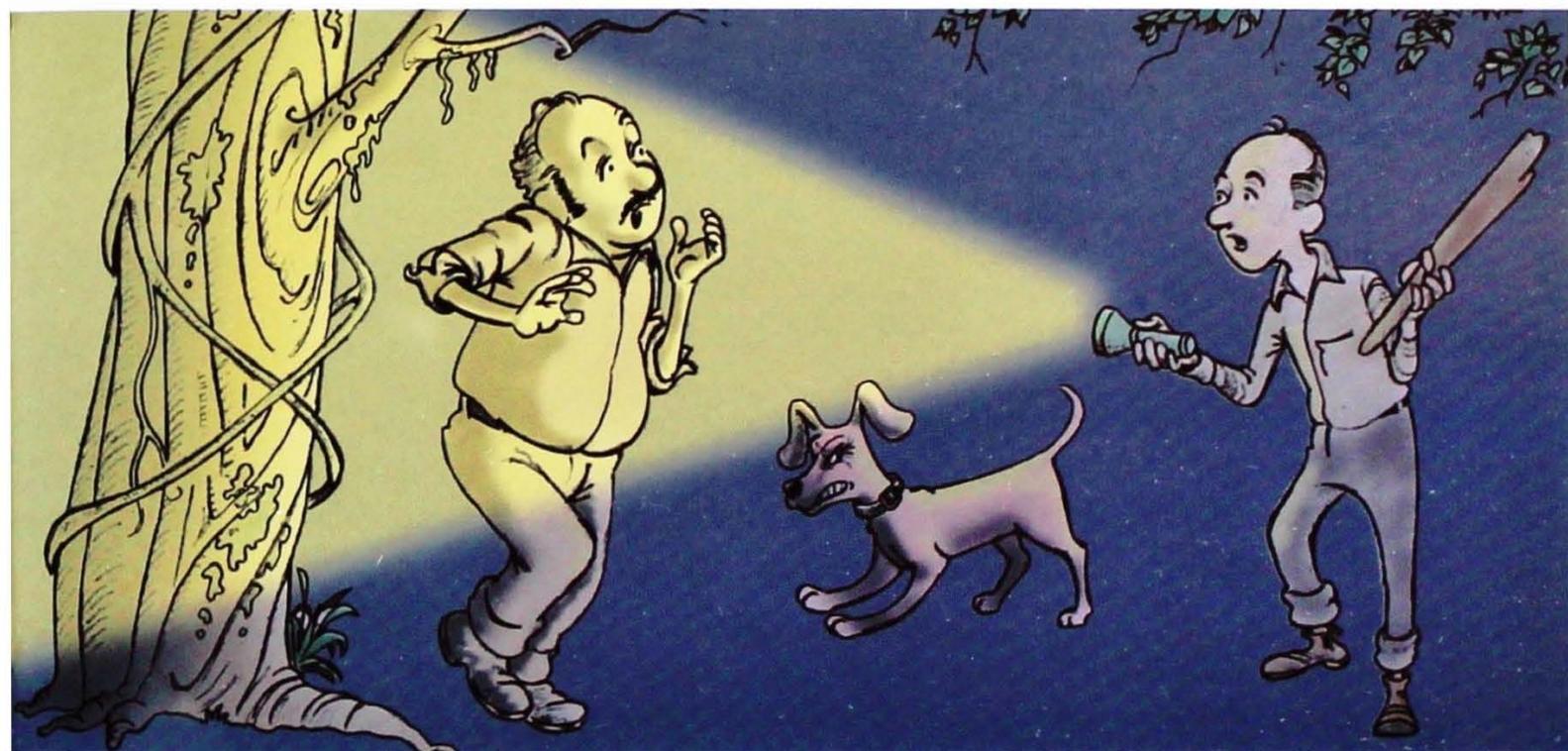
– Então vamos entrar, pôr a prosa em dia.

Já sentado à mesa, depois de ter aceitado um pouco de comida, seu Mundico contou parte de sua história. Tinha vendido o sítio havia mais de dois anos. Com o dinheiro, tinha ajudado o filho a comprar uma pequena casa em um bairro humilde, na cidade. O dinheiro não era muito.

– Sim, me lembro bem daquele seu filho, o Fernando, disse dona Leda, enquanto lhe servia um copo de suco de limão-china.

– Esse mesmo, dona Leda. Coitado, depois que ele perdeu o emprego, vi que eu estava sendo um peso naquela casa. Sabe como é... ainda não posso me aposentar...

Deu para entender tudo sem que ele precisasse contar mais nada. Desorientado, ele rondava as propriedades de Lajeado tentando ver, ao menos de longe, o seu antigo sítio.



– Se arrependimento matasse...

O comentário de seu Mundico provocou um silêncio pesado. Luís e Tininha rumaram para suas camas, fingindo estar com muito sono.

Dona Leda, perto do marido, não sabia o que dizer.

Aldo convidou-o a pernoitar ali. No dia seguinte, com mais calma, veriam o que se podia fazer.

Aquele homem sofrido só faltou se ajoelhar para agradecer. Sua voz era trêmula e havia um princípio de choro nos olhos.

# Um sábado diferente

Depois de uma sexta-feira agitada, um sábado diferente. Era o primeiro depois do curso dado por dona Leda. Aldo não tinha nenhuma reunião. Mas eles tinham agora um novo problema: seu Mundico.

Falando nisso, decidiram ver onde ele estava, se havia dormido bem. Mas ele não estava mais no quatinho dos fundos.

– Será que ele já pegou a estrada sem nem falar com a gente? – quis saber dona Leda.

Aldo achava que não. Pelo que conhecia de seu Mundico, ele não partiria sem agradecer a acolhida.

Logo as duas crianças estavam em volta de Aldo, já na expectativa.

– Pai, hoje dá para o senhor levar a gente pra pescar?

– Sim, Luís. Mas só vamos depois do almoço. Agora temos que dar comida aos porcos, cuidar um pouco da horta, colher e entregar umas verduras lá no mercadinho...

– Eu também vou pescar, né? – quis saber a Tininha.

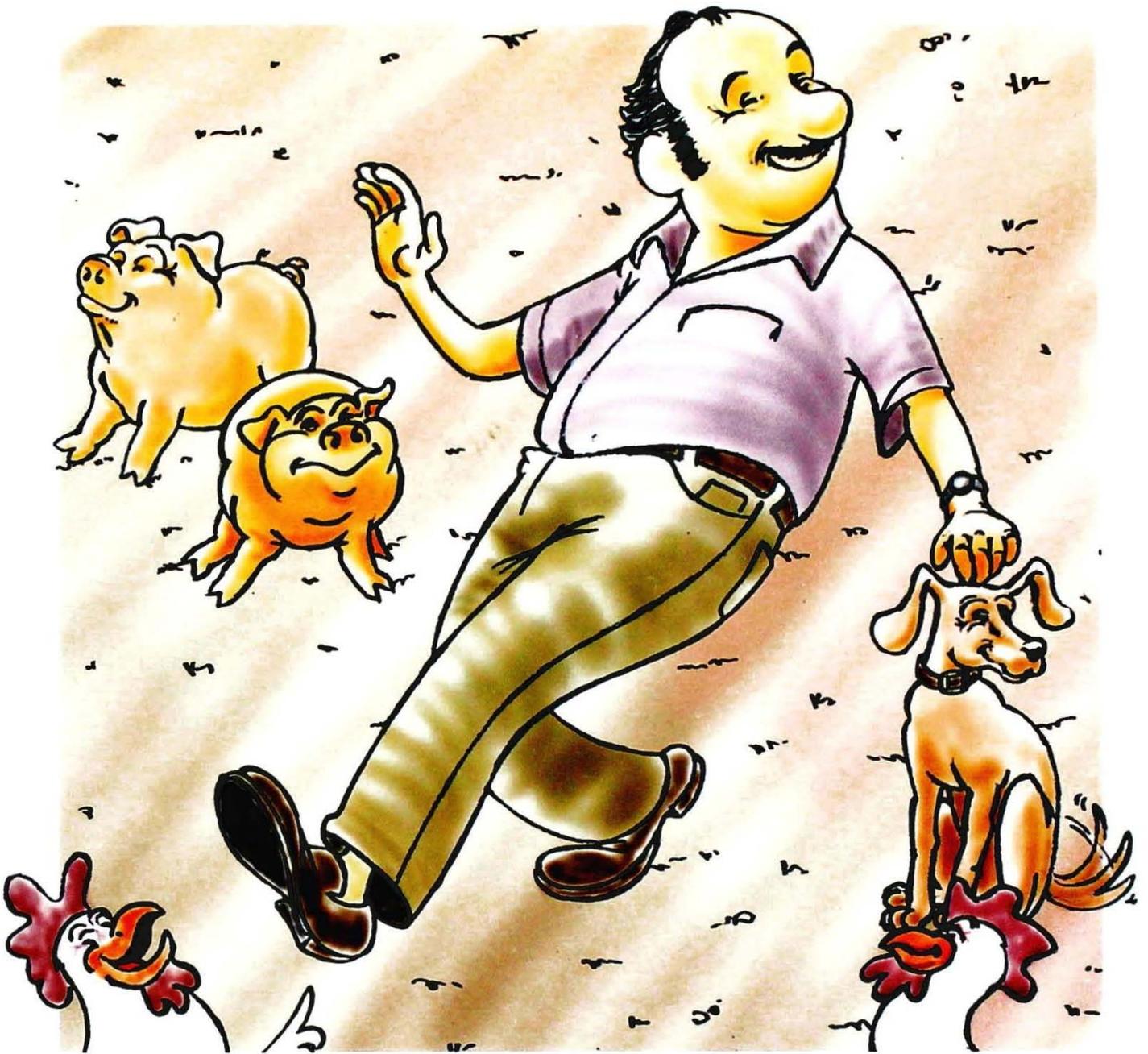
– Sim, vamos nós três: eu, você e o Luís. E quero ver quem vai pescar o maior peixe, viu?

Novamente os latidos de Banzé. Não era pedindo para ir à pescaria, mas anunciando o hóspede, que chegava do rio, aonde tinha ido tomar banho.

Foi logo avisando que tinha o costume de se levantar bem cedo. Por isso, mesmo antes de tomar banho, já havia dado milho às galinhas e tratado dos porcos.

– Gente, o café tá na mesa!

– Seu Mundico, o senhor gosta de bolo de fubá?



Ao ouvir a pergunta de dona Leda, seu Mundico estampou um sorriso e disse:

– É uma das coisas de que mais gosto. Lá na cidade, é só pão de sal.

E não mais conversou, atacando um bom pedaço e servindo-se de um grande caneco de café com leite.

Depois do café, agradeceu e avisou que estava na hora de ir embora. Quando Aldo quis saber para onde ia, o homem abaixou a cabeça. Não sabia, ia andar a esmo.

– Às vezes, arrumo alguma capina, ou uma cerca para fazer. Sei também cuidar da roça e das criações.

– Bem, seu Mundico, o senhor sabe que nossa vida é simples e temos poucas posses. Mas, se quiser ficar aqui com a gente, até conseguir um emprego... Acho que o Aldo pode arrumar algum serviço para o senhor e pagar pelos trabalhos realizados. Estamos mesmo precisando de alguém para ajudar na horta, no pomar, a cuidar das criações...

Aldo levou um susto com o oferecimento da mulher. Ele até havia pensado nisso, mas não tivera coragem de comentar, com medo de desagradá-la.

Agora, diante do que ouvira, reforçou o convite.

– É, seu Mundico, sei que é um ótimo trabalhador, ainda sacudido, com força e disposição. E trabalho aqui é o que não falta!

– Não acredito! Isso é tudo o que eu quero. Até mesmo sem salário, só para ter um lugar para dormir e o que comer, eu já ficaria satisfeito.

Aldo respondeu que salário era uma questão de direito e que todo empregado precisa ser legalizado. Comentou ainda que, com o tempo, iam construir uma casinha nos fundos para que, assim, ele tivesse onde morar.

Sua alegria era tanta que ele não cansava de agradecer a bondade de dona Leda e de seu Aldo.

– Olha, seu Mundico, hoje à tarde teremos uma pescaria pela frente. Mas agora, ao trabalho!

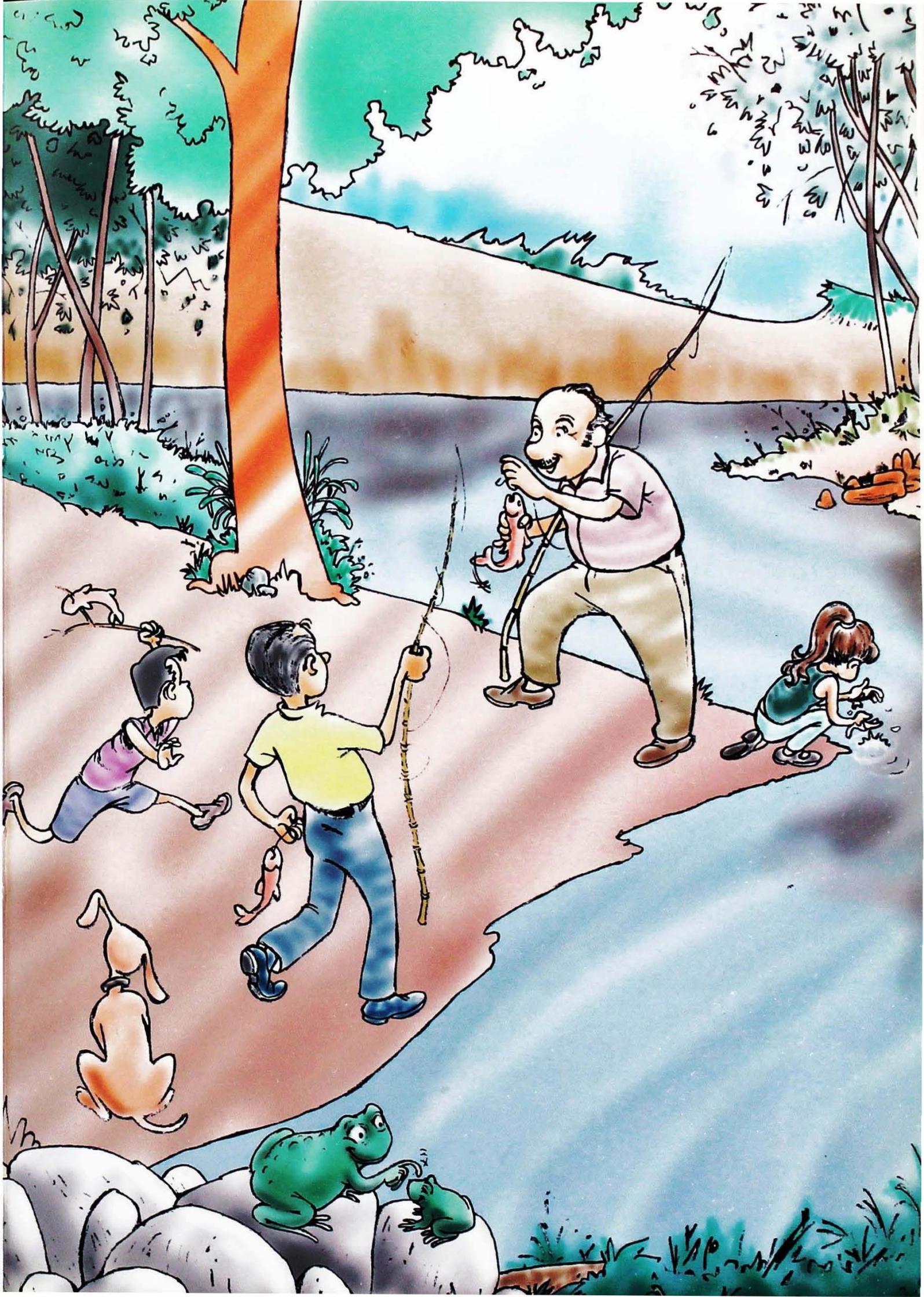
Seu Mundico, de pronto, perguntou o que queriam que ele fizesse primeiro. E se tivesse terminado tudo no tempo certo, estaria também na pescaria.

– Olha, na cidade, eu sentia tanta vontade de estar na beira deste rio, pescando meus bagres, pias e lambaris...

Tininha e Luís, demonstrando simpatia para com o novo trabalhador, ofereceram linha e anzol. Ele teria apenas que separar uma boa vara lá no bambuzal.

Naquele final de tarde, Aldo, Tininha, Luís e seu Mundico voltaram para casa com algumas feiras de peixes. Se não pescaram tanto, riram e conversaram como nunca. As crianças gostaram mais dos “causos” de seu Mundico do que da própria pescaria.

– Isto é que é vida! – gritou seu Mundico, provocando o riso de todos. E latidos de Banzé.



# As quitandeiras saem na frente

Elas foram chegando logo depois do almoço. Telma trazia quatro amigas.

– Aqui estamos, Leda – avisou Telma – ou esqueceu-se de nosso acordo?

– Não, não me esqueci. Vem mais alguém?

Telma comentou que havia convidado todas as que fizeram o curso e mais algumas interessadas. Estavam bem animadas a organizar um grupo para produzir, em conjunto, doces e quitandas.

– O Nelson sugeriu dois sacolões e três mercearias lá da cidade para comercializar nossos produtos.

Telma, no entanto, alertou para a necessidade de fazer as contas direitinho e estudar bem o negócio. Mas estava confiante, acreditando que daria para ganhar um bom dinheiro naquele negócio.

– Acho que podemos começar. Em um mês, teremos uma idéia se é realmente um bom negócio ou não, comentou dona Leda.

Na tarde daquele domingo, treze mulheres da comunidade de Lajeado criavam, informalmente, uma associação de quitandeiras. Ali mesmo fizeram o planejamento, definindo quem faria o quê e quando.

– Tudo tem que ser anotado: o que gastamos de ovos, farinha, fubá, polvilho, manteiga, leite, queijo, cravo, lenha ou gás. Uma idéia já estudada com as crianças na escola é a de que quem não sabe quanto custa não tem base para calcular o preço de venda de um produto.

A recomendação de Telma foi importante para ficar bem claro que elas estavam entrando no mundo dos negócios. E que entrassem com o pé direito!

– Amigas, agora somos empresárias, mulheres empreendedoras...

– O que mesmo somos agora? – quis saber dona Anita, já pensando que estava sendo xingada.

Telma, rindo muito da confusão que aprontara, explicou várias vezes o que era ser empreendedora.

– “Empreender” está muito ligado a gerenciar uma empresa. O “empreendedorismo” é uma ação arrojada, corajosa, rumo ao sucesso.

– É claro que em todos os negócios há riscos e oportunidades. E nós vamos descobrir direitinho nossas oportunidades, e trabalhar bem para correr menos riscos. Além de progredir, mesmo que seja aos poucos – completou dona Leda.

– Professora, com a senhora do nosso lado e com as orientações do seu Nelson, vamos nos tornar empresárias de verdade, viu?

– Certo, Clarinha. Você é a mais nova do grupo, mas já demonstra gostar de desafios. Nasceu empreendedora.



# Uma dúvida e muitas certezas



Em casa, enquanto esperava Nelson chegar de Brasília, aonde tinha ido fazer um curso, Telma fazia um balanço do que tinha sido aquele ano em sua vida.

Não tinha do que se queixar como professora. Fazia o que gostava e conseguia manter toda a turma entusiasmada, aprendendo sempre. Era uma das professoras mais queridas da escola.

Agora estava se metendo a ser empresária. Com as férias escolares chegando, não teria problema em participar do grupo das quitandeiras. Ao menos naquele início. Mas, e depois... quando as aulas recomeçassem?

Em meio a esses pensamentos, adormeceu. E sonhou com suas colegas do curso de culinária... Que haviam montado uma grande fábrica, com muitos sócios e um grande movimento. Nesse sonho, porém, ela era uma freguesa que chegava para comprar biscoitos de queijo.

Acordou de manhã, com o telefone tocando. Era Nelson avisando que chegaria à tarde.

A primeira conversa que tiveram foi sobre a dupla função que ela pretendia exercer. Telma não queria deixar de ser professora e, ao mesmo tempo, queria estimular o grupo a seguir em frente.

– Telma, por enquanto continue no grupo. Ao menos no início. Você é importante para elas, que confiam muito em você.

– É isso mesmo. Principalmente agora, quando a empresa está engatinhando, é ainda informal e frágil.

Nelson ficou feliz quando a mulher contou que já tinham recebido novas encomendas de doces, bolos e biscoitos. E que haviam feito um planejamento cuidadoso, com divisão de tarefas, despesas e possíveis lucros.



– Espero que não se descuidem das contas, da contabilidade.

Depois da recomendação, Nelson contou sobre o curso em Brasília, ao qual compareceram técnicos de todo o Brasil.

– Telma, temos agora muitas linhas de apoio às microempresas, mesmo que sejam empresas rurais ou agroindústrias. Vou me reunir com o pessoal de Lajeado e contar as boas-novas.

– É, acho bom você e sua turma tomarem logo uma decisão! Porque o meu grupo, o das mulheres, já saiu na frente.



# O primeiro presidente eleito

Aquela reunião contava com um grande número de participantes. A maioria das famílias agricultoras de Lajeado estava lá representada. Por isso, Nelson não perdeu tempo.

Foi logo relatando sua viagem a Brasília, os projetos que existiam agora de apoio às micro e pequenas empresas e também às cooperativas e associações. Lembrou os presentes de que uma empresa deve ser entendida como um negócio, estivesse ela na cidade ou em uma comunidade rural.

– O amigo Galego é um exemplo de empresário rural. Tudo em sua pequena fazenda visa dar lucros.

– Concordo com você, Aldo: o Galego têm um espírito empreendedor. Se o avô dele plantava e vendia mandioca, ganhando pouco, ele sabe que pode ganhar mais vendendo a farinha de mandioca e o polvilho. E, ao que parece, ele está sentindo agora as dificuldades de tocar o negócio sozinho.

– Se bem que não estou tão só assim... Conto sempre com a Ritinha, meu braço direito nesse negócio, lembrou Galego.

Uma coisa estava clara, e Galego e Ritinha tinham de divulgá-la para os outros. Eles sabiam que, geralmente, quem vende o leite ganha menos do que quem transforma o leite em queijo. Ganhava mais quem vendia pamonha e curau em vez de vender o milho. E ganhava mais ainda quem se associava a outras pessoas, para vender maior quantidade.

Diante do burburinho que se formou, Nelson foi obrigado a dar um forte assobio, para chamar a atenção de todos.

– Estamos aqui porque vocês decidiram criar a associação, certo?

Todos responderam à pergunta de Nelson com um forte “sim” ou balançando a cabeça afirmativamente.

Aí, o Geraldo disse que o passo seguinte seria eleger uma primeira Diretoria. Teriam que escolher o presidente, o tesoureiro, o secretário e os outros representantes.

– Sugiro que cada um escreva, em um pedaço de papel, o nome de seu candidato à Diretoria.

A idéia de Nelson foi simplificada por Galego, sabedor de que alguns ali mal sabiam escrever o próprio nome.

– Para ganhar tempo, sugiro uma eleição por palmas. Vou dizendo os nomes e, se gostarem da indicação, aplaudam. Para presidente, indico uma pessoa bastante interessada, batalhadora e competente: o ALDO!

Os aplausos foram gerais, em meio a alguns assobios de aprovação e alegria.

Aldo, no calor daquele voto de confiança, pediu silêncio e emendou:

– Só aceito se o amigo Galego também fizer parte da Diretoria.

Novos aplausos. Galego não teve como dizer não. Foi sua vez, então, de indicar o velho Belarmino, e com justa razão: além de ser líder comunitário, Belarmino era um dos mais antigos moradores de Lajeado.

Belarmino, por seu turno, sugeriu que dona Eulália também fizesse parte da Diretoria. Afinal, ela era uma das grandes lutadoras pelo progresso daquela comunidade.

Todos aprovaram a sugestão e saudaram a Diretoria que acabara de ser formada.

Nelson e Geraldo ofereceram-se para orientar o grupo, pelo menos nos primeiros meses.

E foram logo fazendo a ata daquela histórica reunião da criação da Associação dos Agricultores de Lajeado.

Lá fora, o ruidoso e repentino pipocar dos foguetes soltados por seu Mundico.

– Eita sujeito festeiro!

Aldo chegara à reunião apenas como um interessado e voltava para casa como presidente da Associação.

Sua primeira preocupação não era, porém, com a forma de dirigir a Associação, mas saber como sua mulher receberia aquela notícia.

# Uma reação engraçada

Quando Aldo contou em casa que havia sido eleito o primeiro presidente da Associação, Tininha comentou:

– Que chique! Meu pai agora é presidente.

Dona Leda, ainda rindo da observação da filha, deu um forte abraço em Aldo. Ele entendeu aquilo como uma aprovação.

Depois de ser professora do curso de culinária, ela não havia mais falado em sair de Lajeado. Se não tinha desistido da idéia de morar na cidade, havia ao menos desistido de ficar comentando isso a todo momento.

– Meu Deus! O forno!

Dona Leda saiu apressada, pois havia deixado uma fornada de biscoitos assando. E não queria que queimassem. Não podiam ter prejuízos.



Da janela, Aldo via o dia morrer. Lá estava o seu Mundico, levantando sua casinha, parede por parede, mesmo de adobe, construída só por ele.

Admirava a força de vontade daquele homem, já considerado como membro da família.

Luís e Tininha gostavam muito dele e o chamavam de tio Raimundão, nome mais apropriado a quem tinha quase 1,80 m de altura.

Depois da janta, enquanto dona Leda e as crianças viam televisão, Aldo abriu seus cadernos sobre a mesa da cozinha. Releu, página por página, todas as anotações que havia feito ao longo do tempo.

Em um novo caderno, anotou providências a serem tomadas e algumas idéias para discutir com os colegas de Diretoria.

Depois, ficou um tempão imaginando o que significaria o progresso para aqueles moradores de Lajeado.

Aos poucos, foi debruçando-se sobre a mesa. Os olhos ardiavam. A cabeça fervia de sonhos. Estava cansado, mas feliz. Muito feliz!

Foi despertado de seu cochilo pela voz da mulher.

– Aldo, experimente um desses biscoitos de polvilho e me diga se está bom.

Ele pegou um dos biscoitos da bandeja, provou demoradamente e brincou:

– Ninguém vai gostar...

Dona Leda, assustada, pegou um dos biscoitos e o provou também. Não notava nada de errado. O gosto estava bom!

Só entendeu que era uma brincadeira quando o marido completou:

– Ninguém vai gostar... de comer um só!

E avançou sobre a bandeja, pegando logo mais quatro biscoitos. E avisou que só não comeria todos para não dar prejuízo à empresa.



# O primeiro mês

Clarinha convidou as sócias para uma festinha na casa dela. Não era aniversário de ninguém. Aliás, era sim. A empresa estava completando um mês e Clarinha queria apresentar alguns resultados.

– Está tudo anotado aqui neste caderno. Neste primeiro mês, os lucros não foram muitos, mas não tivemos prejuízos.

– Dizem que toda empresa, nos primeiros meses, não tem tantos lucros assim – comentou Telma.

Mas a divisão do pequeno lucro deixou as sócias animadas. Quem diria? Estavam ganhando dinheiro com doces, biscoitos e bolos.

Telma, animando as amigas, comentou que Nelson havia feito contato com os donos de vários supermercados, mercearias e sacolões, e que eles haviam demonstrado interesse em comercializar os produtos delas. Por isso, os meses seguintes prometiam ser bem melhores.

Dona Aurora, que no início do empreendimento não tinha acreditado no sucesso das quitadeiras, era agora a mais empolgada das sócias.

Disse que sua filha Eunice, depois de seis meses morando na cidade, com uma tia, tinha avisado por carta que voltaria a morar com ela, dona Aurora. Voltava para o campo porque, mesmo formada em Contabilidade, não havia conseguido um emprego na cidade.

– Será que a Eunice poderá entrar para o nosso grupo? Ela é ótima na cozinha e eu ensinaria para ela o que aprendi.

A pergunta de dona Aurora deixou todas as senhoras pensativas. Mas Telma viu nela uma saída para o seu dilema e propôs:

– Eu tenho uma sugestão. Como brevemente voltarei a dar aulas, o meu tempo vai ficar mais curto, e assim não vou conciliar minhas atividades escolares com a produção das quitandas. Por isso, sugiro uma troca.



Ela, Telma, sairia, e a Eunice entraria no lugar dela, podendo contribuir também com seus conhecimentos de Contabilidade. O grupo continuaria com treze sócias, número que, aliás, estava dando sorte.

– Mas não vou me afastar do grupo, não. Serei, no mínimo, uma boa freguesa – avisou Telma.

E a solução agradou a todas as sócias. Dona Aurora, demonstrando ser também uma mulher empreendedora, informou que tinha um enorme barracão desocupado em sua propriedade. Poderiam fazer dele a sede da futura empresa. Com o tempo, fariam uma reforma, comprariam um fogão industrial...

– Até lá, já teremos escolhido um nome para nossa associação e uma marca para nossos produtos. O Aldo disse que isso é importante. Pensei em algo como “Coisas da Roça”, ou “Quitandas de Lajeado”. Que tal?

As idéias de dona Leda foram bem aceitas. Talvez escolhessem até outro nome, mas todas concordaram que era importante ter uma marca e cuidar das embalagens dos produtos.

Com isso, ficaria muito mais fácil colocar os produtos em novos postos de venda, aumentando, assim, a freguesia.

# Um parente como vizinho

Aldo estava satisfeito com a Associação. Ela já funcionava com resultados positivos.

Haviam comprado sementes e mudas para todos os associados, por preços menores aos do mercado. No atacado, sempre se conseguiam descontos nos preços, facilidade de pagamento e entrega favorecida. A Feira do Produtor já era uma realidade lucrativa. Haviam conseguido um financiamento em nome da Associação, e os sócios só começariam a pagar dali a dois anos. Tinham agora um trator comunitário e um pequeno caminhão para transportar produtos para a cidade e trazer de lá insumos agrícolas, arame, ração.

No grupo das quitandeiras, a animação era grande. Em oito meses de funcionamento, a Associação já possuía marca registrada e os lucros aumentavam. Eunice cuidava das finanças, além de fazer as famosas balas de leite. Ela também animava a todas com seu otimismo. Dizia que, em menos de um ano, teriam condições de abrir uma loja de revenda da própria Associação, lá na cidade.

O filho e a nora de seu Mundico, que eram pessoas de confiança, haviam se oferecido para tocar a loja.

Mas a melhor notícia para dona Leda veio da parte da irmã Lia, em uma costumeira visita dominical. O Celso estava se aposentando como escrivão e queria comprar alguma propriedade por ali.

Aldo lembrou que o sítio dos Pedreiras estava à venda. E fazia limite com sua propriedade.

– Será que podemos dar uma olhada? – quis saber Celso, já bem interessado.

Foram e viram que era uma propriedade com boas terras, muita água, mas estava muito mal cuidada. Aldo



lembrou a Celso que, se ele procurava com o que se ocupar, tinha ali um bom desafio.

Em pouco tempo, o sítio foi comprado. Celso deu-lhe o nome de Recanto das Mangueiras, por causa do grande número daquela árvore frutífera na propriedade.

Diogo e André vibraram com a compra do sítio. Quase todos os finais de semana estavam por lá.

Luís ensinou os primos a pescar, a andar a cavalo e a reconhecer as frutas silvestres. Por sua vez, André e Diogo ensinaram Luís e Tininha a jogar xadrez.





# Uma grande festa

Ninguém sabia ao certo de quem havia sido a idéia. Quando se deram conta, estava tudo decidido.

A Associação das Quitadeiras Vovó Antonieta e a Associação dos Agricultores de Lajeado promoveriam uma bonita festa junina naquele ano.

Seria na propriedade da dona Aurora, na inauguração da sede da empresa delas. Tudo caminhava rapidamente graças ao financiamento conseguido com o Banco do Brasil, utilizando os recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, Pronaf.

Aldo, em nome da Associação que presidia, garantiu conseguir muitas prendas para um leilão.

Dona Leda afirmou que não faltariam quitandas, doces e um enorme bolo em forma de fogueira, todo enfeitado com frutas da região.

Telma e Nelson seriam os convidados de honra. Aliás, na dança da quadrilha, seriam os noivos.

A Escola de Lajeado teria uma barraca só dela. Todos estariam lá: alunos, professores, a diretora e a querida Margarida, que cuidava da merenda. Aliás, ela fazia uma famosa canjica com leite e amendoim moído que, desde já, estava deixando todo mundo com água na boca. Aquela festa prometia!

A criançada da escola apresentaria, pela primeira vez, a própria quadrilha. E contaria com a participação de André e Diogo, além do reforço do seu Mundico, tocando sanfona.

Era esperar para ver!

Aquela festa junina seria a melhor de todos os tempos.

A primeira dos novos tempos em Lajeado.



# glossário

**Adobe:** tijolo grande, feito de barro, seco ao sol.

**Agricultura familiar:** modelo de organização da produção agropecuária em que a família, ao mesmo tempo, gerencia e trabalha na propriedade, diversificando a produção.

**Agroindústria:** atividade econômica que industrializa e comercializa produtos agrícolas.

**Agronegócio:** atividade econômica de aproveitamento de potencialidades do campo, com o objetivo de gerar emprego e renda, promovendo o desenvolvimento sustentável.

**Aspirações:** desejos profundos, sonhos.

**Assistência técnica (rural):** serviço de informação, orientação e acompanhamento, prestado por pessoas especializadas, a produtores e a instituições com o objetivo de aperfeiçoar a produção e a produtividade agropecuária.

**Associação:** organização democrática e sem fins lucrativos de pessoas, para alcançar resultados que, individualmente, seriam bem mais difíceis ou mesmo impossíveis de se conseguir.

**Atacado (venda no atacado):** forma de venda de mercadorias em grande quantidade, geralmente para revenda.

**Atravessador:** pessoa que se coloca entre o produtor e o comerciante, para intermediar a compra ou a venda de algum produto, visando lucros.

**Aventureiro:** aquele que não tem um meio de vida estável, fixo, e que vive de atividades nem sempre legais.

**Bagres, piaus, lambaris:** espécies de peixes encontrados em água doce.

**Bambuzal:** extensa plantação de bambus.

**Burburinho:** ruído provocado por muita gente falando ao mesmo tempo.

**Carestia:** alta dos preços, encarecimento do custo de vida.

**Carneiro hidráulico:** máquina de bombear água para um ponto mais elevado.

**Colocar “panos quentes”:** tomar uma atitude com o objetivo de contornar uma situação difícil e conflituosa, mudando ou adiando a solução.

**Confeito:** pastilhas coloridas usadas para confeitaria bolos ou doces.

**Contabilidade:** 1. Cálculo e planejamento das despesas e dos ganhos. 2. Curso de nível médio ou superior, que ensina a teoria e a prática sobre a movimentação financeira (registro de pagamentos, compras, vendas) de uma empresa.

**Cooperativa agrícola:** associação de agricultores com interesses comuns, objetivando aperfeiçoar o processo de produção e de comercialização de seus produtos.

**Cooperativismo:** forma de se pensar a organização de pessoas e de empresas, baseando-se em valores de ajuda mútua, solidariedade, democracia e participação.

**Culinária:** arte ou prática de cozinhar.

**Curau:** papa cremosa, feita com milho-verde ralado e cozido com leite e açúcar. O mesmo que mingau de milho-verde.

**Dilema:** conflito causado pela necessidade de se tomar uma decisão difícil

**Dívidas na praça:** dívidas feitas no comércio ou nos bancos de um determinado lugar.

**Embrapa:** Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, empresa pública, especializada em gerar e promover conhecimento e tecnologia para o desenvolvimento rural sustentável.

**Empreendedor:** pessoa decidida a realizar algo, mesmo que difícil e trabalhoso.

**Escritura (de um imóvel):** documento produzido em cartório, que confere o direito de propriedade ao comprador de um imóvel.

**Escrivão:** funcionário que tem o cargo oficial de transcrever ou registrar documentos e depoimentos.

**Especialização:** aquisição de conhecimentos específicos, extraordinários, em determinado assunto, atividade, ocupação ou profissão.

**Extensão Rural:** atividade educativa, que visa desenvolver conhecimentos, habilidades, hábitos e atitudes entre a população rural, para melhorar seu nível de vida pelo aumento da renda gerada na propriedade agrícola.

**Financiamentos com juros baixos:** empréstimos tomados, em que se paga uma taxa de juros menor do que a praticada no mercado financeiro.

**Gerar renda:** produzir algum tipo de rendimento, uma quantia em dinheiro, lucros.

**Insumos agrícolas:** todo tipo de maquinário, equipamento, adubos, sementes, defensivos necessários para a produção agropecuária.

**Investimento:** aplicação de recursos (principalmente de dinheiro, tempo, esforço, trabalho) a fim de se obter algo.

**Ironizar:** fazer comentário em tom de zombaria, gozação.

**Legalizada:** que funciona conforme manda a lei; reconhecida.

**Limão-china:** tipo de limão avermelhado, muito usado no preparo de limonadas.

**Marca (registrada):** nome ou símbolo que identifica uma empresa ou um produto.

**Maxixe:** fruto comestível, parecido com o pepino, mas de menor tamanho, de casca enrugada e com espinhos flexíveis.

**Mercearia:** armazém, pequeno mercado.

**Microempresa:** empresa, geralmente tocada pelos próprios familiares, com número limitado de funcionários e com estatuto próprio.

**Municipalidade:** representantes eleitos pelo voto popular, que atuam na Prefeitura e na Câmara Municipal.

**Mutirão:** forma simples de cooperação entre pessoas ou famílias, para a realização de uma atividade, seja para benefício de uma família, individualmente, seja para a concretização de infra-estrutura econômica ou social, de uso coletivo.

**Ora-pro-nobis:** planta cujas folhas são parecidas com as da roseira e que, depois de cozidas, inteiras ou picadinhas, enriquecem a alimentação humana pelo seu alto teor de proteína.

**Pamonha:** alimento preparado com milho-verde ralado, temperado com açúcar ou sal, enrolado e cozido na palha do próprio milho.

**Patrimônio:** conjunto de bens (móveis, imóveis, dinheiro).

**Pesquisa agropecuária:** estudos realizados por especialistas, com o objetivo de produzir novos conhecimentos e tecnologias compatíveis com as condições de cada tipo de produtor. Tem por finalidade aumentar a produtividade, reduzir custos e modernizar os sistemas de produção, promovendo qualidade de vida no campo.

**Presidente da associação:** membro eleito em assembleia-geral, responsável por convocar e presidir reuniões, coordenar decisões coletivamente, representar a associação em eventos, entre outros. O cargo não é remunerado, mas seu titular possui o direito de ter suas despesas pagas com recursos da associação, quando estiver a serviço dela.

**Quitandas:** biscoitos doces ou salgados, feitos com massa de farinha. Exemplo: pão de queijo, broa, biscoito de polvilho, sequilho, rosca.

**Ração:** porção balanceada de alimento, calculada para uma refeição.

**Sacolões:** mercado popular em que se vendem hortaliças e frutas.

**Sebrae:** Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Essa empresa atua na área de educação continuada de empreendedores e empresários, capacitando, treinando e oferecendo produtos e serviços, auxiliando a criação de novas micro e pequenas empresas e a permanência daquelas que já existem no mercado.

**Secretário da associação:** membro eleito em assembleia-geral, responsável por manter atualizados os livros de registro da associação (atas, matrícula e presença) e demais escriturações de caráter social e cultural, entre outros.

**Taioba:** planta da família do inhame, cujas folhas, haste e tubérculo, depois de cozidos, são usados como alimento.

**Tesoureiro da associação:** membro eleito em assembleia-geral, responsável pela manutenção e pela integridade do patrimônio da associação, prestando contas periodicamente aos outros associados.

**Trabalhador desqualificado:** trabalhador que não tem formação acadêmica ou profissional para exercer determinada função.

**Visita dominical:** visita feita aos domingos.

*Impressão e acabamento*  
**Embrapa Informação Tecnológica**



Este livro integra a Série Educação e Cidadania, projeto concebido e executado pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, em parceria com a Embrapa. Representa um compromisso interinstitucional, cujos parceiros somam forças na busca de soluções para os desafios do desenvolvimento sustentável, tendo como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

**O negócio é fazer negócios** é uma criação coletiva da qual participam educadores, escritores, artistas gráficos e ilustradores. É um incentivo a práticas educativas baseadas em novas formas de abordagem e intervenção no contexto rural. Retrata nuances da vida no campo, mesclando a coragem e o desejo das personagens, similares aos da nossa gente.

Patrocínio



Ministério da Agricultura,  
Pecuária e Abastecimento



ISBN 85-7383-240-1

